

**Hugo de S. Vitor**

## **O ESTUDO DAS SAGRADAS ESCRITURAS**

### **Índice Geral**

- **INTRODUÇÃO GERAL**
- **ANOTAÇÕES PRÉVIAS AO ESTUDO DAS SAGRADAS ESCRITURAS**
- **O ESTUDO DAS SAGRADAS ESCRITURAS**
- **COMENTÁRIO HISTÓRICO ALEGÓRICO À PROFECIA DE JOEL.**
- **COMENTÁRIO TROPOLÓGICO À SEGUNDA PARTE DA PROFECIA DE JOEL.**



# INTRODUÇÃO GERAL

## Índice

1. A Época de Hugo de São Vítor.
2. Notas biográficas sobre Hugo de São Vitor.
3. Caráter Pedagógico da obra de Hugo de S. Vitor.
4. O Estudo das Sagradas Escrituras na pedagogia vitorina.
5. Os sentidos das Sagradas Escrituras.
6. Uma Interpretação Alegórica no Novo Testamento.
7. Uma Interpretação Alegórica no Velho Testamento.
8. O Estudo das Sagradas Escrituras, segundo Hugo de S. Vitor.
9. A Alegoria e a Tropologia nas Sagradas Escrituras.
10. A presente tradução.
11. O Profeta Joel e seu Livro.



# ANOTAÇÕES PRÉVIAS AO ESTUDO DAS SAGRADAS ESCRITURAS

## Índice

1. Distintividade das Escrituras a serem consideradas Sagradas.

2. Os três sentidos das Sagradas Escrituras.

3. Nem tudo o que se encontra nas Sagradas Escrituras é passível de tríplice interpretação histórica, alegórica e moral.

4. Necessidade da interpretação literal ou histórica.

5. Frutos que se devem esperar da leitura das Sagradas Escrituras.

6. Referências.



# O ESTUDO DAS SAGRADAS ESCRITURAS

## Índice

1. Introdução.

2. Quais são as Sagradas Escrituras.

3. Definem-se as Sagradas Escrituras.

4. Divisão das Sagradas Escrituras em dois Testamentos, cada um dividido em três ordens.

5. Elenco dos Livros das três ordens do Velho Testamento.

6. Elenco dos livros das três ordens do Novo Testamento.

7. Conveniência entre as ordens do Velho e do Novo Testamento.

8. O tríplice entendimento das Sagradas Escrituras.

9. Nas Sagradas Escrituras também as coisas significam.

10. Frutos do Estudo das Sagradas Escrituras.

11. As Sagradas Escrituras e a formação das virtudes.

12. Que o estudo não seja uma aflição.

13. Como o estudo pode tornar-se uma aflição.

**14. Três gêneros de estudantes das Sagradas Escrituras.**

**15. O estudo alegórico das Escrituras.**

**16. Conclusão.**

**17. Referências.**





# O ESTUDO DAS SAGRADAS ESCRITURAS

## I. Introdução Geral

### 1. A *Época de Hugo de São Vítor.*

*"Corria o  
ano  
quarenta e  
dois do  
reinado de  
Augusto e  
o  
vigésimo  
oitavo  
desde a  
conquista  
do Egito e  
a morte de  
Antônio e  
Cleópatra,  
com que  
se  
extinguiu  
a dinastia  
egípcia  
dos  
Ptolomeus,  
quando  
Nosso  
Salvador e  
Senhor  
Jesus  
Cristo  
nasceu em  
Belém de  
Judá,  
conforme*

**às  
profecias  
a seu  
respeito,  
sendo  
Cirino  
governador  
da  
Síria"(1).**

**Com estas palavras Eusébio de Cesaréia, bispo que viveu na virada do terceiro para o quarto século e o primeiro historiador da Igreja, descreve o nascimento de Jesus Cristo Nosso Senhor. Trinta e poucos anos após seu nascimento, depois de três anos de vida pública, Jesus dava preceito aos seus apóstolos para que se dirigissem a todos os povos e os "ensinassem a observar todas as coisas que ele lhes havia mandado"(Mt. 28,19).**

**"Assim,  
indubitavelmente  
por uma força e  
assistência do  
alto",**

**continua Eusébio de Cesaréia,**

**"a doutrina  
da  
salvação,  
como raio  
de Sol,  
iluminou de  
repente  
toda a terra  
habitada,  
até que,  
conforme  
as divinas  
escrituras,**

***a voz de  
seus  
evangelistas  
inspirados  
e de seus  
apóstolos  
ecoou por  
toda a terra,  
e suas  
palavras  
até os  
confins do  
mundo" (2).***

**"Por todas as aldeias se constituíam em massa comunidades formadas por multidões inumeráveis. Aqueles que por um antigo erro tinham suas almas presas à idolatria, pelo poder do Cristo e graças aos ensinamentos de seus discípulos e aos milagres que os acompanhavam se afastavam dos ídolos e confessavam que não havia mais do que um só Deus, o Criador de todas as coisas"(3).**

***"Não  
faz  
muito  
tempo",***

**continua Eusébio,**



***"brilhou sobre todos os homens a presença de nosso salvador Jesus Cristo e um povo, novo no conceito de todos, apareceu repentinamente, conforme às inefáveis predições de antigamente, um povo não pequeno, nem débil, o povo a quem todos honram com o nome de Cristo"(4).***

***"A fama da assombrosa ressurreição de nosso salvador e de sua ascensão aos céus havia alcançado já a grande maioria. Havia-se estabelecido entre os governadores das nações o antigo costume de informar ao que ocupava o cargo imperial de todas as***

***novidades  
ocorridas em  
suas regiões.  
Pilatos deu  
parte ao  
Imperador  
Tibério de tudo  
o que corria de  
boca em boca  
por toda a  
Palestina  
referente à  
ressurreição  
de nosso  
salvador Jesus  
de entre os  
mortos;  
inteirou-o  
também de  
seus outros  
milagres e de  
que o povo já  
acreditava ser  
ele Deus,  
porque depois  
de sua morte  
havia  
ressuscitado  
de entre os  
mortos"(5).***

**Diz-se que Tibério levou o assunto ao Senado, manifestando aos senadores que lhe agradava esta doutrina. O Senado, porém, "recusou-se a tomar conhecimento do assunto"(6), "aparentemente porque não o havia aprovado previamente, pois uma antiga lei prescrevia que entre os romanos ninguém fosse divinizado se não fosse mediante voto e por decreto do Senado"(7)."Tibério, porém, persistiu em sua declaração e ameaçou de morte aos acusadores dos cristãos. A Providência havia disposto colocar isto no ânimo do Imperador para que a doutrina do Evangelho tivesse um começo livre de obstáculos e se propagasse por toda a terra"(8). Desta maneira, por um**

**período de aproximadamente três decênios após a morte e ressurreição de Cristo, sua doutrina, segundo o testemunho de Eusébio de Cesaréia, viu-se livre de obstáculos para propagar-se entre os homens.**

**Foi com o Imperador Nero, no ano 64 DC, que se iniciaram as perseguições aos cristãos que iriam durar, com interrupções, até o fim do governo do Imperador Diocleciano. No ano 313 DC, por ocasião de um edito do novo Imperador Constantino, elas se encerraram definitivamente. O sangue dos mártires foi a sementeira de novos cristãos; os romanos se admiravam da alegria com que os fiéis enfrentavam a morte por amor a Cristo, espetáculo muito diferente daquele oferecido pelos demais condenados. Não raro sucediam verdadeiros milagres diante do público que assistia à execução dos condenados, como o das feras que, a exemplo do que havia acontecido no Antigo Testamento com o profeta Daniel, se recusavam a devorar alguns dos cristãos aos quais eram jogadas, não obstante a fome em que tinham sido mantidas, ou das fogueiras que, a exemplo do outrora ocorrido com três jovens colegas do mesmo profeta, se recusavam a queimar os corpos de alguns dentre os outros fiéis que eram atirados às chamas. Eusébio de Cesaréia diz que nessa época o povo cristão era "a todo momento objeto do favor divino"(9), com o que se havia tornado "o povo mais numeroso de todos os povos"(10).**

**A liberdade de culto concedida aos cristãos em 313 por Constantino libertou a Igreja da perseguição imperial; isto, porém, não significou o fim de seus problemas. Além do surgimento das heresias, das quais o Arianismo foi apenas a primeira, um outro conjunto de eventos veio a ocorrer cujas conseqüências para a vida da Igreja nem sempre têm sido bem compreendidas.**

**Durante seu governo o Imperador Constantino teve a idéia de fundar uma nova capital para o Império Romano em uma cidade que ele próprio havia mandado construir na região oriental de seus domínios, em um local estratégico que ele havia conhecido alguns anos antes por ocasião de uma batalha. À nova capital foi dado o nome de Constantinopla. Concebida para ser a capital do imenso Império Romano, dentro em breve, porém, ela iria perder inteiramente o domínio sobre toda a região ocidental do mesmo. De fato, cerca de meio século após a fundação de**

**Constantinopla começaram a surgir sérios problemas nas fronteira do Império ao longo dos Rios Reno e Danúbio.**

**O território situado para além do leste destes rios, isto é, aquele que hoje é conhecido como a Europa Oriental, era povoado nesta época pelas tribos a que os romanos denominavam de bárbaros. As várias tribos ou nações que os romanos conheciam por este nome ocupavam os territórios a leste dos rios Reno e Danúbio, nas regiões atualmente denominadas de Alemanha, Polónia, Tchechoslováquia, Hungria, Romênia e o oeste da Rússia. Apesar do nome conotativo de ausência de civilização, por habitarem já há alguns séculos junto à fronteira com o Império Romano, estes bárbaros tinham adquirido muitos dos costumes da civilização. Serviam com frequência como soldados nos exércitos romanos de fronteira, e costumavam atravessar estas fronteiras com certa regularidade e pacificamente, embora não tenham faltado também invasões violentas repelidas pelas tropas romanas. Havia inclusive muitas famílias de bárbaros que tinham estabelecido residência permanente em território romano.**

**Aconteceu porém que cerca de 40 anos depois da fundação e transferência da capital do Império Romano para Constantinopla surgiu, vinda das regiões centrais da Ásia, uma outra tribo de bárbaros denominada de Hunos, que nada tinham em comum com os bárbaros semi civilizados das fronteiras do Império Romano.**

**Em sua marcha para o Oeste, entre eles e o Império Romano, os Hunos encontraram aos bárbaros que habitavam as margens orientais dos rios Reno e Danúbio. O terror que os Hunos espalharam entre estes foi tal que a tribo bárbara dos visigodos enviou uma mensagem ao Imperador em Constantinopla pedindo permissão para que toda a nação dos visigodos pudesse atravessar a fronteira do Império e se estabelecer dentro do território romano. Valente era o nome do Imperador nesta ocasião, um homem inexperiente e que ocupava o trono mais por ser o irmão do recém falecido Imperador Valentiniano do que pelo seu próprio valor. Com ou sem experiência, no entanto, era este homem a quem os acontecimentos haviam conferido a responsabilidade de tomar, em regime de urgência, uma das decisões mais cruciais, senão mesmo a mais crucial da história do Império. Sua decisão foi a de concordar com o**

**pedido, e, desta maneira, uma nação inteira de bárbaros atravessou o grande rio que assinalava a fronteira e se estabeleceu pela primeira vez no interior do Império.**

**O modo, porém, como se fêz a transferência foi um desastre. Cerca de duzentos e cinqüenta mil soldados visigodos atravessaram o Rio Danúbio, acompanhados por suas famílias, um contingente possivelmente maior do que um milhão de pessoas. Valente havia-lhes exigido que depusessem as armas, mas a cobiça dos generais romanos aceitou-lhes os subornos e os visigodos entraram armados no território do Império. Valente havia providenciado fornecimento de víveres para o acampamento dos visigodos, mas os mesmos generais que aceitaram suborno para não verem que os visigodos entravam armados desviaram o alimento enviado pelo Imperador e, em troca de preços aviltantes, ofereciam-lhes comida pouca e muitas vezes estragada. Os visigodos, descontentes com a hospitalidade romana, não tardaram a entrar em guerra e passaram a saquear as províncias do Império vizinhas ao território em que haviam se estabelecido. Tomado de pânico, o Imperador Valente resolveu conduzir pessoalmente um exército contra aqueles que havia pouco tinha hospedado. Não seguiu, porém, os conselhos dos generais mais experientes de seu falecido irmão; querendo, em vez disso, colher uma vitória rápida, além de perder a guerra, morreu dentro de uma cabana inteiramente cercada de visigodos à qual estes haviam ateado fogo.**

**A partir daí, pressionadas pelos Hunos, as demais tribos bárbaras começaram a invadir o Império Romano sem mais fazer uso da delicadeza visigoda de pedir permissão. Quanto ao Império, já decadente, percebeu que mal tinha força militar para conter a devastação apenas da Itália. No século seguinte, não bastassem as invasões dos bárbaros, também os Hunos invadiram e devastaram o Império Romano.**

**Com exceção dos Hunos, que depois de semearem o terror, acabaram voltando espontaneamente para as regiões da Ásia de onde tinham vindo, o Imperador de Constantinopla não tinha mais poder militar suficiente para expulsar os bárbaros para fora do Império. Estes se apoderaram de toda a parte ocidental do Império, inclusive a Itália. O Imperador, em vez de expulsá-los, foi obrigado a aceitar o fato consumado e, para não ter que**

**aceitá-lo também de direito, recorreu ao expediente de elevar os chefes bárbaros à dignidade de "auxiliares perpétuos do Imperador" para as províncias do ocidente. Desta maneira, embora o Império Romano continuasse oficialmente com a mesma extensão que possuía no início do Cristianismo, na realidade o Imperador de Constantinopla agora reinava apenas no Oriente, enquanto que o Ocidente dividiu-se em um grande número de reinos bárbaros.**

**Anos se passaram. Por volta do ano 800 DC, Carlos Magno, rei da tribo dos francos que haviam se instalado na Gália, hoje França, em cerca de 50 expedições militares conseguiu transformar o reino dos francos em um grande Império que abarcava praticamente todos os territórios correspondentes à região ocidental do antigo Império Romano. Vendo que a divisão do Império Romano estava consumada de fato, na noite de Natal do ano 800 o Papa Leão III coroou Carlos Magno "Imperador dos Romanos". Com isto passavam a existir agora dois Impérios "Romanos". Um deles, com sede em Constantinopla, passou a ser conhecido como Império Bizantino. O outro, no Ocidente, passou a ser chamado de Império Carolíngio. Graças à nova ordem que havia se estabelecido, o tempo em que viveu Carlos Magno foi uma época de reconstrução do que havia sido devastado no Ocidente pelas invasões bárbaras. Foram construídas novas estradas, cidades, postos militares, igrejas, mosteiros e escolas.**

**Mas, ao contrário do Império Bizantino, que ainda iria atravessar muitos séculos, o Império Carolíngio não durou muito. Mal havia morrido Carlos Magno, aquele imenso território se dividiu entre seus três filhos. A sua região mais ocidental com o tempo se transformou na França; a sua região mais oriental, por volta do ano 950 DC, se transformou no Sacro Império Romano Germânico, onde viria a nascer Hugo de São Vítor.**

**Pior, porém, do que o Império Carolíngio ter se dividido entre os filhos de Carlos Magno foi o surgimento, logo após a morte daquele soberano, de uma nova leva de bárbaros, muito mais selvagem do que as anteriores, que passou a assolar a Europa de modo quase que permanente. Com estes iniciou-se a famosa época das trevas da Idade Média. Esta época das trevas não atravessou toda a Idade Média e nem pode confundir-se com ela, como se Idade Média e Idade das Trevas fossem a mesma**

**coisa. Hugo de São Vitor nasceu em plena Idade Média, mas por esta época este triste período já havia passado.**

**A idade das trevas se iniciou logo após o falecimento de Carlos Magno. Diante da ferocidade dos novos bárbaros vindos das regiões norte-nordeste da Europa, os soberanos dos reinos europeus, politicamente divididos e militarmente muito mais fracos do que Carlos Magno, não foram capazes de oferecer nem organizar resistência. Os grandes proprietários de terras tiveram que se defender por conta própria. Os camponeses e os pequenos proprietários de terras, vendo que não podiam depender dos reis para a manutenção de sua segurança constantemente ameaçada, tiveram que se associar aos grandes proprietários, jurando-lhes fidelidade e tornando-se seus súditos. As pessoas comuns do povo, portanto, acabaram dependendo em tudo e por tudo dos senhores de terras que se tornaram verdadeiros reis em seus próprios domínios. Embora nominalmente os grandes proprietários estivessem sujeitos aos reis, de fato não os obedeciam; e as pessoas do povo, embora também estivessem nominalmente sujeitas ao rei, de fato obedeciam aos senhores de terras, que na época eram chamados de feudos. Daí o nome dado a esta época e a esta organização de feudalismo.**

**O sistema feudal foi um grande retrocesso para a civilização. Cada feudo vivia praticamente isolado dos demais, e em cada um deles a vontade do senhor feudal era soberana em todas as questões. As comunicações se tornaram difíceis, mais ainda porque, além de tudo isto, os muçulmanos haviam conquistado todo o norte da África e dominado a navegação no mar Mediterrâneo, que se tornou perigosa e difícil. As escolas escassearam quando não desapareceram por completo. A insegurança devido às incursões dos bárbaros e as guerras entre os feudos se tornou geral. As trevas cobriram a região ocidental da Europa, onde outrora havia florescido o berço da civilização romana.**

**Piores, porém, foram as conseqüências que este estado de coisas teve para a vida da Igreja. Até aproximadamente pouco antes da época de Carlos Magno os bispos da Igreja eram eleitos pelo próprio clero local e ordenados pelos bispos da cidade mais importante da região, chamado de bispo metropolitano. Na época, porém, em que no ocidente da Europa se**

instalou o reino dos francos, os soberanos, percebendo que uma aliança com o episcopado era geralmente uma garantia para a estabilidade de seus governos, começaram a sugerir qual fosse o seu candidato favorito, sem, porém, intervirem nas eleições. Gradualmente esta prática foi criando raízes e se degenerando, graças ao clima propício que o sistema feudal oferecia para isto. Tempos depois o bispo metropolitano somente poderia ordenar o candidato escolhido pelo clero se a escolha fosse aprovada pelo soberano. Depois o soberano passou a escolher diretamente o candidato ao episcopado, cabendo ao clero apenas o direito de confirmar a escolha feita. Em pleno feudalismo o senhor feudal passou a considerar que as dioceses e as abadias eram propriedades dos feudos e que, portanto, após a ordenação do candidato pelo bispo, caberia ao senhor feudal celebrar a cerimônia de tomada de posse da abadia ou da diocese. Quando já passou a ser visto como se fosse coisa certa que as dioceses ou abadias eram propriedade do senhor feudal, estes passaram a exigir dos bispos e dos abades não apenas que se submetessem à cerimônia de investidura, mas que também lhes prestassem juramento de fidelidade, obediência e vassalagem. Mais adiante o senhor feudal passou a exigir não apenas o direito de nomear e empossar bispos e abades, como também de destituí-los quando julgasse que tivesse razões para tanto; o destituído não deixava de ser bispo, o que nenhum senhor feudal jamais chegou a imaginar que tivesse poder de fazer, mas perdia toda jurisdição sobre sua diocese. Quando os bispos passaram a ser vistos como vassalos do senhor feudal, estes começaram a exigir dos seus novos súditos que se preocupassem não apenas com os problemas religiosos de suas dioceses, mas também e principalmente com os problemas relativos a bens temporais, cobrança de impostos, defesa militar, etc., coisa que, verificou-se, os bispos geralmente eram mais capazes e tinham mais autoridade para cumprir, no quadro social daquela época tumultuada, do que os dignatários seculares. Em alguns lugares esta prática degenerou a tal ponto que, quando a principal preocupação de muitos bispos já era de ordem temporal, os senhores feudais passaram a designar leigos para assumir os governos das dioceses, os quais por sua vez nomeavam um eclesiástico para o desempenho das funções religiosas; estes leigos titulares de dioceses e abadias, não tendo feito voto de castidade por serem leigos, podiam casar-se e, ao fazerem isto, passaram a considerar as dioceses e abadias como bens



hereditários de suas famílias. Em alguns lugares este processo chegou a acontecer não apenas com dioceses e abadias, mas até mesmo com as paróquias.

Tudo isto significou a quase destruição da Igreja na época do feudalismo. O direito canônico era ainda incipiente, e grande parte da organização da Igreja, como por exemplo, a formação dos sacerdotes, passava de geração em geração através do costume. Para remediar a desorganização provocada pelo sistema feudal grande parte da administração da Igreja deveria ser remontada por meio de legislação explícita, mas isto não era fácil de se fazer, por vários motivos.

Primeiro, havia o problema da Igreja ter caído sob o férreo controle do braço secular. Depois, não havia apenas uma desorganização de ordem administrativa. Juntamente com ela boa parte do clero tinha perdido o verdadeiro sentido da missão do sacerdote e nele campeavam abusos, vícios e maus exemplos dos quais as pessoas não mais estavam dispostas a se corrigirem com facilidade. A pregação e o ensino da mensagem evangélica, ademais, havia se tornado para muitos padres e bispos uma questão secundária. Finalmente, a própria Sé romana não era totalmente independente; embora nesta época estivesse na região conhecida como Patrimônio de São Pedro, uma região de terras da Itália central em torno da cidade de Roma doadas ao Papa alguns séculos antes pelo pai de Carlos Magno, durante a época feudal estes territórios eram considerados como parte integrante do Sacro Império Romano Germânico. Portanto, se a região do Patrimônio de São Pedro era governada pelo Papa, o Papa era nela um vassalo do Imperador Alemão. Apesar de vassalo, porém, o Papa nunca foi investido no cargo pelo Imperador, nem teve que prestar-lhe juramento de fidelidade, como acontecia com os bispos e abades em muitos feudos; mas por volta do ano 900 os Imperadores do Sacro Império se acharam no direito de nomearem eles próprios quem deveria ser eleito para o Supremo Pontificado. A Santa Sé, assim, embora gozasse de mais liberdade e estivesse mais cônica de sua verdadeira missão do que grande parte do clero, não era totalmente independente. E mesmo que o fosse, no sistema feudal não havia estrutura para se fazer obedecer; as estradas e os meios de comunicação eram muitíssimo precários, cada feudo era um mundo à parte e não havia jornais, revistas, correios ou

**quaisquer meios de se fazer chegar regularmente mensagens ou decretos ao conhecimento do mundo todo.**

**Esta situação tão caótica começou a mudar graças principalmente ao surgimento de uma organização religiosa baseada no mosteiro beneditino de Cluny, e na atuação do Papa Gregório VII e seus predecessores.**

**Em Cluny, no início dos anos 900, havia sido fundado por Santo Odão aquele que viria a ser um dos mais famosos mosteiros da história. Desde o seu início, ao contrário dos mosteiros que haviam existido na Igreja até esta época, em vez de subordinar-se à jurisdição do bispo local, esta casa de oração quiz colocar-se sob a obediência direta e exclusiva do Sumo Pontífice. Devido à vida exemplar que se levava em Cluny, aos poucos outros mosteiros foram pedindo seu auxílio para se reformarem segundo o seu modelo. Ao fazerem isto, porém, estes mosteiros acabavam se ligando à abadia de Cluny e passaram aos poucos a constituírem uma rede de centenas de mosteiros espalhados pela Europa, todos sujeitos ao abade de Cluny e, através dele, sob a jurisdição direta do Sumo Pontífice. Acrescenta-se a isto que durante os primeiros duzentos e cinqüenta anos de vida do mosteiro de Cluny, isto é, aproximadamente do ano 900 até o ano 1150, foi ele governado por apenas seis abades, homens de vida longa e santidade eminente. A partir do ano 1000 o abade de Cluny era a segunda pessoa mais importante na Igreja depois do Papa e a organização como um todo passou a desempenhar na época um papel semelhante àquele que mais tarde os jesuítas desempenhariam durante a contra reforma.**

**Cem anos após a fundação de Cluny, nos anos 1100, um movimento similarmente preocupado com a reforma da Igreja começou a ocorrer dentro da Santa Sé, cuja alma foi o monge Hildebrando, secretário de uma série de pontífices eminentes até que ele próprio, eleito Papa, adotou o nome de Gregório VII. Embora não pertencesse à organização de Cluny, Hildebrando havia passado certo tempo em Cluny. Em 1048 o Papa Leão IX, passando por Cluny onde Hildebrando estava hospedado, tomou este homem como seu secretário particular, uma decisão que se mostrou providencial para a Igreja da época pois Hildebrando veio a ser o inspirador das decisões mais importantes do pontificado de Leão IX e dos quatro Papas que vieram depois dele.**

**Com Leão IX o clero de Roma passou a reunir-se regularmente em sínodos, aos quais eram convidados os bispos das vizinhanças e os superiores dos mosteiros sujeitos à abadia de Cluny. A idéia mostrou-se acertada e prosperou. Não obstante a imensa precariedade das comunicações, os Papas começaram a viajar por toda a Europa celebrando sínodos semelhantes aos de Roma com bispos e abades locais, punindo abusos e depondo prelados indignos. Mais tarde, nos lugares em que os Papas não podiam voltar, providenciou-se para que estas assembléias continuassem regularmente sob a supervisão de uma rede de legados pontifícios que acabaram se tornando, muito tempo depois, os atuais núncios apostólicos. Muitos dos primeiros legados pontifícios, porém, eram apenas monges cluniacenses.**

**Desta maneira, aos poucos a Igreja ia tentando remediar os abusos que nela tinham se introduzido durante o feudalismo. O terceiro Papa depois de Leão IX, Nicolau II, obteve um significativo avanço ao conseguir promulgar uma lei segundo a qual dali para a frente nenhum Pontífice poderia mais ser nomeado pelos Imperadores alemães, mas apenas eleito pelos cardeais.**

**Esta lei foi um grande avanço, mas foi apenas dois pontificados mais adiante que o monge Hildebrando, agora já Papa Gregório VII, pôde promulgar uma lei que se dirigia diretamente à raiz dos males que tinham se alastrado na Igreja durante os últimos séculos. Dali para a frente, por determinação pontifícia, ficava proibido, sob pena de excomunhão, que um leigo investisse um clérigo em cargos eclesiásticos.**

**À primeira vista poderia parecer que, se a Santa Sé realmente tinha intenção sincera de remediar os males da Igreja, já devesse ter pensado e promulgado uma lei tão importante como esta muito tempo antes. Há que se considerar, porém, que não teria bastado a sua simples promulgação. O problema não estava na promulgação, mas em ter os meios para fazê-la ser obedecida. Gregório VII pôde enviar legados, dotados de plenos poderes, para as diversas partes da Europa supervisionar a execução de seus decretos contra as investiduras leigas e punir os desobedientes, coisa que, já alguns pontificados antes não teria sido possível de se fazer. Mesmo assim, a resistência dos**

senhores feudais e do Imperador foi gigantesca. A impressão geral que se tinha era de que o Papa Gregório desta vez havia exagerado temerariamente. Os detentores do poder civil se consideraram roubados em um direito que, para as perspectivas da época, consideravam legítimo. Obedecer a lei significava, para o poder temporal, além de uma afronta a direitos considerados legítimos, perder uma copiosa fonte de rendas e uma valiosíssima colaboração do clero em assuntos temporais. Os senhores feudais eclesiásticos no Sacro Império eram os principais pilares da autoridade imperial, a qual, devido ao sistema feudal, já não era forte. Obedecer aos decretos de Gregório VII, do modo como haviam sido promulgados, significava para o Imperador perder repentinamente seu principal ponto de apoio político. Teria o Papa Gregório percebido todas estas conseqüências de seu decreto? Estava claro para todos que sim; era algo por demais evidente para poder não ser percebido. Era algo tão evidente que o Imperador passou a acusá-lo de segundas intenções, de ter feito um decreto que não passava, na realidade, de um simples pretexto para desestabilizar o Império Germânico.

Assim, o que aconteceu em seguida foi justamente aquilo que seria de se esperar. O Imperador desprezou abertamente os decretos de Gregório VII. Mais ainda, acusou-o publicamente de pretender usurpar a coroa imperial, de defender a heresia, de praticar adultério, de cultivar a magia e de ser um feroz sangüinário. E não quiz ficar, além disso, apenas nestas acusações. Preparou-se para depor o Papa pela força armada, um Papa que, afinal, do ponto de vista da política da época, não passava de um vassalo do Império.

As notícias do que se passava na corte chegaram ao conhecimento da Santa Sé, e o Soberano Pontífice não se arrependeu do que havia feito. Ao contrário, foi a sua coragem e a firme certeza de que estava fazendo o que era correto que acabaram por salvar a Igreja. Sabendo do modo como o Imperador havia acolhido os seus decretos, Gregório VII teve não só a audácia de excomungá-lo, como também, coisa inédita na história e totalmente impensável no contexto daquele tempo, decretou a deposição do Imperador e a desobrigação de todos os súditos do juramento de fidelidade que lhe deviam. Mais assombroso ainda nesta decisão de Gregório, além de ser totalmente sem precedentes, é que o Papa nesta época não

**possuía poder militar algum para poder impor a execução de um decreto como este.**

**Mas já havia cinco pontificados que o prestígio e a fama de santidade dos Pontífices se haviam espalhado pela Europa. Para surpresa do Imperador, assim que o decreto do Sumo Pontífice ficou conhecido, não houve mais um súdito que estivesse disposto a obedecê-lo. O Imperador se viu obrigado a viajar em pleno inverno até à Itália, não mais à testa de seus exércitos, mas na condição de um simples peregrino, pedir ao Papa a absolvição da excomunhão e a revogação de sua deposição.**

**A atitude corajosa de Gregório VII produziu seus frutos com o decorrer do tempo. Depois de seu pontificado, no ano de 1122, foi realizada em Worms uma concordata em que o Imperador aceitava que daí para diante todas as eleições de bispos e abades fossem feitas livremente pela própria Igreja. No ano seguinte era convocado o Primeiro Concílio Ecumênico de Latrão para tratar do problema da reforma da Igreja. Durante os séculos dos anos 1100 e 1200 foram celebrados quatro concílios ecumênicos em Latrão e outros dois em Lião com a mesma finalidade. Desta maneira, em apenas dois séculos celebraram-se seis concílios ecumênicos na Igreja; antes disso haviam-se passado trezentos anos sem que houvesse sido possível celebrar sequer um.**

**Foi assim que, durante os séculos dos anos 1100 e 1200, a Igreja foi se recuperando gradualmente do desastre que lhe havia sido imposto pelo feudalismo. Um processo semelhante, porém, ocorria na mesma época também com o poder civil.**

**Em pleno feudalismo não havia lei nos feudos: a lei era a vontade do senhor feudal. Não havia juízes de direito: o juiz era o senhor feudal. Os impostos eram aqueles que cada senhor feudal julgava que devessem ser cobrados. Não havia polícia para prender criminosos, nem exércitos para defender a nação; havia apenas os súditos armados de cada senhor feudal. Como se não bastasse o problema das incursões dos bárbaros, cada feudo vivia constantemente em guerra com outros feudos. Entretanto, se a nação inteira estivesse em perigo, seria muito difícil agrupar um bom exército para defendê-la. Os transportes, as comunicações e a segurança eram muito precários e cada feudo vivia semi isolado, sem comércio e comunicações**

relevantes com o mundo exterior.

A partir dos anos 1100 e 1200, assim como a Igreja tentou e conseguiu gradualmente se libertar do sistema feudal, o mesmo procuraram fazer os reis que até então governavam quase que apenas nominalmente. Os reis procuraram estabelecer tribunais especiais de apelação contra as sentenças dos tribunais dos senhores feudais, com o que os réus não satisfeitos com a justiça do senhor feudal passavam a invocar e a defender a autoridade do rei como sendo superior à do senhor feudal. Depois passou-se a decretar que certos tipos de causas especiais somente poderiam ser julgadas nos tribunais do rei. Com isto começou aos poucos a funcionar um sistema judiciário nacional. A partir dos anos 1100 começou a haver um renascimento econômico e cultural na Europa, com o que iam surgindo certo número de cidades novas dentro dos feudos; em princípio tais cidades pertenciam aos feudos em que estavam, mas à medida em que cresciam seus interesses políticos e econômicos entravam em choque com os do senhor feudal a quem pagavam impostos: os reis passaram a tirar partido desta situação reconhecendo ou declarando a independência destas cidades dos antigos senhores feudais, concedendo-lhes liberdades que os senhores feudais não estavam dispostos a oferecer. À medida em que as cidades com seu comércio foram crescendo, os reis passaram a introduzir uma moeda única para circular em todo o país. A descoberta da pólvora vinda do oriente favoreceu também os reis, pois dificilmente um senhor feudal conseguiria fazer um cerco à residência do rei, situada longe de seu feudo; muito mais provável seria o rei poder cercar o feudo do vassalo com uma bateria de novos canhões contra os quais os castelos de muralhas, até então inexpugnáveis não tinham mais defesa.

Entre os anos 1100 e 1200 surgiram também pela primeira vez na história as instituições que foram denominadas de Universidades. Elas apareceram nesta época primeiramente em duas cidades da Europa, em Paris na França e em Bolonha na Itália. Seu surgimento não se deveu a nenhum decreto. Resultou, ao contrário, de um fenômeno inteiramente espontâneo. Em Paris foi a fama de certas escolas, como a do mosteiro de São Vitor organizada por Hugo no início dos anos 1100, ou a escola da Catedral de Notre Dame, onde lecionou Pedro Lombardo, discípulo de Hugo, juntamente com a fama de

**outros professores célebres, que começou a atrair alunos de todas as partes da Europa. Alunos e professores passaram a se organizarem sob a forma de corporação, um tipo de associação daquela época comum entre os artesãos, mas que passou a ser adotada também por alunos e professores que quisessem se dedicar aos estudos. Estas novas corporações de professores e estudantes foram o núcleo a partir do qual se formaram as primeiras universidades. A Universidade de Paris voltou-se principalmente para os estudos de Teologia; nos anos 1200 contou entre seus docentes nomes como São Boaventura e Santo Tomás de Aquino. A Universidade de Bolonha voltou-se principalmente aos estudos de Direito.**

**Os séculos dos anos 1100 e 1200, embora pertençam à Idade Média, não podem ser considerados como pertencendo à Idade das Trevas. Ao contrário, foi uma época de profundas reformas na Igreja. Foi também uma época de renovação espiritual, que assistiu, depois do surgimento da ordem Cluniacense, à fundação dos Cistercienses, dos Cônegos de São Vitor aos quais pertenceu Hugo de S. Vitor, ao aparecimento dos Frades Franciscanos e dos Padres Dominicanos. Foi igualmente uma época de reconstrução nacional, de desenvolvimento do comércio e das comunicações, e uma época de prodigioso renascimento cultural, científico e teológico, uma época que deu à civilização ocidental suas primeiras universidades, uma das instituições fundamentais do mundo moderno.**

**Foi justamente no início dos anos 1100 que viveu Hugo de São Vitor, um dos principais responsáveis pelo início do reflorescimento da Teologia que se verificaria nos séculos XII e XIII. Sem o reflorescimento havido nestes duzentos anos muita coisa que hoje é patrimônio indelével da Igreja e da humanidade não teria existido; não teria sido possível, em particular, a obra de Santo Tomás de Aquino e a influência que ela veio a exercer posteriormente na Igreja.**

## **Referências**

**(1) Eusébio  
de  
Cesaréia:  
História  
Eclesiástica,  
I, 5, 2.  
(2) Ibidem,  
II, 3, 1. (3)  
Ibidem, II, 3,  
1. (4)  
Ibidem, I, 4,  
2. (5)  
Ibidem, II, 2,  
1-2. (6)  
Ibidem, II, 2,  
2. (7)  
Ibidem, II, 2,  
2. (8)  
Ibidem, II, 2,  
6. (9)  
Ibidem, I, 4,  
2. (10)  
Ibidem, I, 4,  
2.**







## **2. Notas biográficas sobre Hugo de São Vitor.**

Muito pouco se sabe sobre a vida de Hugo de São Vitor. O principal testemunho sobre sua pessoa é a sua própria obra, cuja luminosidade tão evidente muito nos revela sobre sua pessoa muito do que seus dados biográficos nos calam.

Hugo de S. Vitor nasceu provavelmente em 1096 em Hartingam, na Saxônia, no Sacro Império Romano Germânico, filho de Conrado, Conde de Blackemburg.

Hugo tinha um tio, chamado Reinardo, que em sua mocidade havia demonstrado inclinação para o estudo e vocação para a vida religiosa. Ainda jovem, Reinardo transferiu-se para Paris onde poderia encontrar melhores condições de formação. Paris era, naquela época, um dos principais centros do renascimento cultural que então se verificava na Europa.

Em Paris Reinardo fez amizade com Guilherme de Champeaux, um sacerdote que durante muitos anos havia-se dedicado ao magistério mas que, por esse tempo, abandonando a escola, havia dado início, em um local onde havia uma capelinha dedicada a São Vitor, a uma comunidade religiosa que acabaria se transformando mais tarde no mosteiro de São Vitor e posteriormente em uma organização religiosa que se espalharia pela Europa. Após conviver algum tempo com os primeiros vitorinos, Reinardo retornou à Saxônia e foi sagrado bispo de Halberstadt.

Com a intenção de reavivar sua diocese, D. Reinardo convidou os Cônegos Regulares de São Vitor a se instalarem na Saxônia, e exortou seu sobrinho Hugo a que estudasse com eles. Foi desta maneira, através de seu tio bispo, que Hugo veio a conhecer os Cônegos de São Vitor.

A verdadeira vocação de Hugo não tardou a aparecer; renunciou à herança do título e do condado de Blackemburg e resolveu abraçar a observância da regra de Santo Agostinho junto com os vitorinos.

***"Tivesse se  
tornado o  
Conde de  
Blackemburg",***

**diz M. Hugonin,**

***"teria se tornado  
ilustre pelo seu  
valor em algum  
campo de  
batalha, ou por  
sua sabedoria  
no governo de  
seu condado,  
mas seu nome  
jamais teria  
chegado até nós.  
Agora, porém,  
seu nome está  
inseparavelmente  
ligado às coisas  
que não  
perecerão  
jamais, à ciência  
teológica da qual  
ele foi um dos  
restauradores,  
aos nomes de  
Pedro Lombardo  
e de S. Tomás de  
Aquino, que  
sempre o viram  
como ao seu  
mestre" (11).***

**Enquanto Hugo resolvia-se a abraçar o estado religioso entre os  
cônegos de S. Vitor, irrompeu uma guerra em sua terra natal. D.  
Reinardo então aconselhou o sobrinho a abandonar a Saxônia e  
pedir admissão entre os vitorinos diretamente no mosteiro de**

**São Vitor em Paris onde outrora ele já havia sido hóspede. Dificilmente outra decisão poderia ter sido tão providencial como esta. No mosteiro de São Vitor de Paris estava-se formando aquela que viria a ser, sob a direção de Hugo, uma das mais importantes escolas de Teologia da época; esta escola, juntamente com algumas outras da cidade, iria dentro em breve dar origem à primeira universidade da civilização ocidental; a regra do mosteiro de São Vitor, ademais, conferia importância excepcional ao trabalho dos religiosos que se dedicavam à cópia de manuscritos, com o que estava-se formando uma importantíssima biblioteca que daria a Hugo possibilidade de acesso a uma riqueza de conhecimentos que só com muita dificuldade poderiam ser obtidos em outros lugares.**

**Assim, com a idade de dezoito anos, Hugo e seu avô, também chamado Hugo, atravessaram a Europa e, depois de terem passado por Marselha, dirigiram-se para Paris onde ambos fizeram profissão religiosa no mosteiro de S. Vitor provavelmente em 17 de junho de 1115. Dez anos mais tarde Hugo de S. Vitor tornou-se professor da escola anexa ao mosteiro; mais oito anos e era o diretor desta mesma escola. Ao cargo de diretor acumulou algum tempo depois o de prior do mosteiro, o primeiro na hierarquia depois do abade. Faleceu, finalmente, no mosteiro de S. Vitor em 11 de fevereiro de 1141 em fama de santidade.**

**Além de suas obras, Hugo nos deixou um discípulo, Ricardo de S. Vitor, outro jovem que, como ele, tinha se dirigido a S. Vitor vindo de longe. Ricardo era natural da Escócia e, sob a orientação de Hugo, tornou-se teólogo não inferior ao mestre; a reverência e a admiração que Hugo soube conquistar de seu aluno fizeram com que, após a sua morte, Ricardo desse prosseguimento à obra de Hugo com uma continuidade tão evidente que as obras de ambos constituem na verdade um só e mesmo conjunto, num dos exemplos mais admiráveis que há, neste sentido, em toda a história da Pedagogia.**

**Por estas circunstâncias providenciais, às quais se acrescentaram suas inclinações naturais e o favor da graça divina, Hugo de S. Vitor veio a ser um dos iniciadores da escolástica, uma manifestação da Teologia que floresceu de um modo todo especial durante os séculos dos anos 1100 e 1200, e**

**cuja expressão máxima são as obras de Santo Tomás de Aquino.**

**Várias são as características que distinguem de modo especial a Teologia Escolástica. Além da exatidão da terminologia, da busca da fundamentação filosófica sempre que possível, e outras mais, há três características que nos parecem fundamentais. A primeira é o método dialético, no qual cada questão é tratada mediante análise prévia de vários argumentos e contra argumentos, todos os quais, após encontrar-se a solução da questão, devem ser respondidos um a um. A segunda é a profundidade da argumentação, em que se procura remontar até às causas mais remotas e fundamentais e prosseguir daí desde os princípios encontrados até às suas conseqüências últimas. A terceira é uma extraordinária capacidade de síntese, pela qual, através da busca de princípios básicos, harmoniza-se numa só arquitetura o conjunto da totalidade do conhecimento.**

**Todas estas três características estão presentes quase por igual nos escritos de Santo Tomás de Aquino, que, vivendo no fim dos anos 1200, incorporou em suas obras, além de um profundo conhecimento dos santos padres, a herança de dois séculos de trabalho de uma multidão de eminentes teólogos. Mas no início dos anos 1100 estas mesmas características se encontravam espalhadas de um modo desigual entre os fundadores da Escolástica.**

**O método dialético, ao que parece, foi introduzido pela primeira vez por Pedro Abelardo, que numa obra conhecida por Sic et Non organizou, para uma série de questões, uma compilação de argumentos e contra argumentos tirados das Escrituras e das obras dos Santos Padres.**

**O raciocínio que, fundamentado nos dados da revelação, parte para a busca das causas e das conseqüências últimas, tal como é característico da Escolástica, encontra-se entre os seus fundadores de um modo particularmente eminente nos escritos de Santo Anselmo de Cantuária.**

**A capacidade de síntese, porém, talvez a mais importante delas, é privilégio indiscutível de Hugo de S. Vitor. Sua obra De**

**Sacramentis Fidei Christianae, título que na terminologia usada por Hugo pode ser aproximadamente traduzido como Os Mistérios da Fé Cristã, é um trabalho de síntese como até então não se havia visto nada de semelhante na história do Cristianismo; foi dali que surgiriam posteriormente toda a seqüência das Summae Theologiae que viriam culminar na de Santo Tomás. Conforme veremos mais adiante, o próprio Hugo de S. Vitor nos diz que o segredo das grandes sínteses está na vida contemplativa, pois, conforme suas palavras, compete à contemplação,**

***"já  
possuindo  
todas as  
coisas,  
abarcá-las  
em uma  
visão  
plenamente  
manifesta,  
estendendo-  
se à  
compreensão  
de muitas ou  
também de  
todas  
elas" (12).***

**Uma lição que foi posteriormente seguida à risca por S. Tomás.**

**Referências**

**(11) M.  
Hugonin:  
Essai sur  
la  
fondation  
de l'Ecole  
de Saint  
Victor de  
Paris;  
Migne,  
PL 175,  
XLVI-B.**

**(12) Hugo  
S. Vitor:  
De Modo  
Discendi  
et  
Meditandi,  
PL 175,  
879.**





### **3. *Caráter Pedagógico da obra de Hugo de S. Vitor.***

Vimos assim como uma série de acontecimentos circunstanciais deram rumo à vida de Hugo de S. Vitor. Seu próprio tio bispo havia trazido para a Saxônia os primeiros cônegos vitorinos, de quem ele recebeu sua primeira formação. As circunstâncias de uma guerra obrigaram-no a transferir-se ainda jovem para a França, onde professou no mosteiro que havia dado origem, poucos anos antes, aos Cônegos de S. Vitor. Neste mosteiro organizava-se uma grande biblioteca que daria acesso a Hugo ao que de melhor havia sido escrito pela tradição cristã. Mais importante do que tudo isso, porém, foi o fato de que, anexo ao mosteiro, estava-se organizando uma escola de Teologia em uma cidade que era um dos pólos do renascimento cultural da época. A organização e a direção desta escola nascente seria dentro em breve confiada ao próprio Hugo, e isto acabaria por dar à sua obra escrita contornos inexistentes nas de outros teólogos. Raramente, senão mesmo nunca em toda a história, um teólogo da envergadura de Hugo de S. Vitor, homem de inteligência brilhante, santidade manifesta e nítida vocação docente, tendo diante de si tantos estudantes de tão notável talento que lhe chegavam a São Vitor provenientes de todas as partes do mundo, como o foram, por exemplo, Ricardo de S. Vitor e Pedro Lombardo, se viu obrigado não apenas a ensinar, mas também a explicar aos alunos como e por que se deveria aprender, orientar os professores sobre como e por que se deveria ensinar, e à escola como e por que se deveria organizar.

O resultado deste conjunto de fatores foi uma obra teológica em que não apenas a Pedagogia ocupa um lugar de altíssimo relevo, mas principalmente em que os elementos pedagógicos não podem ser expostos dissociados da profundidade com que são tratados os mistérios da fé e do contínuo conduzir à perfeição da vida cristã. Sua pedagogia é uma forma de ascese cujo lugar próprio é uma escola, em que não é possível separar a vida intelectual da vida espiritual como atividades independentes uma da outra, e em que se cria uma situação em que ambas estas coisas interagem entre si no sentido de se amplificarem mutuamente. Que isto seja possível é algo que, fora da escola de S. Vitor, temos dois exemplos muito

conhecidos em S. Antônio de Pádua e em S. Tomás de Aquino.

A finalidade da Pedagogia, segundo Hugo de S. Vitor, é a mesma de qualquer espiritualidade, e é conduzir à contemplação. A diferença entre a espiritualidade vitorina e outras correntes de espiritualidade é que, para alcançar este objetivo, Hugo se utiliza justamente da escola, entendida precisamente no sentido tradicional do termo, mas evidentemente organizada para este fim, enquanto que para as demais correntes a escola pode ser um elemento estranho, um complemento ou, se parte integrante da vida espiritual, sempre um elemento secundário. Seja como for, de modo geral, fora dos moldes vitorinos, não é cursando uma escola, nem mesmo uma escola de Teologia, que se chega à vida contemplativa; as escolas não são organizadas para conduzir à contemplação, mas para transmitir certos conhecimentos ou conferir determinadas habilidades práticas.

Segundo Hugo de S. Vitor, porém, não é necessário subverter a essência do que sempre se entendeu por ser uma escola para através dela conduzir-se o aluno à contemplação; ao contrário, esta finalidade é a própria essência da Pedagogia e, se já existiu alguma vez algo que subvertesse a Pedagogia, esta subversão foi exatamente aquela pela qual uma escola, e principalmente uma escola de Teologia, deixou de significar o mesmo que um modo de conduzir à sabedoria e à vida espiritual.

O que Hugo de S. Vitor entende por contemplação? Uma primeira e simples, mas profunda explicação a respeito encontra-se num opúsculo intitulado "Sobre o modo de Aprender e de Meditar". Nele Hugo afirma que há três operações básicas da alma racional, as quais constituem entre si uma hierarquia, e que devem, portanto, ser desenvolvidas uma em seqüência à outra.

Hugo denomina a primeira de pensamento. A segunda, de meditação. A terceira, de contemplação.

O pensamento ocorre, diz Hugo,



***"quando a mente é tocada transitoriamente pela noção das coisas, ao se apresentar a própria coisa, pela sua imagem, subitamente à alma, seja entrando pelo sentido, seja surgindo da memória" (13).***

Entre os ensinamentos de Hugo de S. Vitor entra aqui o do papel que a leitura, ou o estudo, adquire na Pedagogia. A importância da leitura reside em que ela pode ser utilizada para estimular a primeira operação da inteligência que é o pensamento. Mas ao mesmo tempo a limitação da leitura está em que ela não pode estimular as operações seguintes da inteligência, a meditação e a contemplação, a não ser indiretamente, na medida em que a leitura estimula o primeiro estágio do pensamento que é pressuposto dos demais. Daqui se segue a conclusão de que uma escola que se limita a fazer o aluno estudar é uma escola que está confinando as potencialidades da inteligência humana apenas ao seu estágio mais elementar.

A segunda operação da inteligência, continua Hugo, é a meditação. A meditação baseia-se no pensamento, e é

***"um  
assíduo e  
sagaz  
reconduzir  
do  
pensamento,  
esforçando-  
se para  
explicar  
algo  
obscuro, ou  
procurando  
penetrar no  
que ainda  
nos é  
oculto"(14).***

**Segundo as palavras de Hugo,**

***"na leitura,  
mediante  
regras e  
preceitos,  
somos  
instruídos a  
partir das  
coisas que  
estão  
escritas. A  
meditação  
toma depois,  
por sua vez,  
seu princípio  
da leitura,  
embora não  
se realizando  
por nenhuma  
das regras ou  
dos preceitos  
da leitura.***

***A meditação é  
uma  
cogitação  
freqüente com  
conselho, que  
investiga  
prudentemente  
a causa e a  
origem, o  
modo e a  
utilidade de  
cada  
coisa" (15).***

**Mas acima da meditação e baseando-se nela, existe ainda o que Hugo chama de contemplação. Ele explica o que ela é e no que difere da meditação do seguinte modo:**

***"A  
contemplação  
é uma visão  
livre e  
perspicaz da  
alma de  
coisas que  
existem em si  
de modo  
amplamente  
disperso.***

***Entre a  
meditação e a  
contemplação  
o que parece  
ser relevante  
é que a  
meditação é  
sempre de  
coisas  
ocultas à  
nossa***

**inteligência; a  
contemplação,  
porém, é de  
coisas que,  
segundo a  
sua natureza,  
ou segundo a  
nossa  
capacidade,  
são  
manifestas; e  
que a  
meditação  
sempre se  
ocupa em  
buscar  
alguma coisa  
única,  
enquanto que  
a  
contemplação  
se estende à  
compreensão  
de muitas, ou  
também de  
todas as  
coisas.**

**A meditação  
é, portanto,  
um certo  
vagar curioso  
da mente, um  
investigar  
sagaz do  
obscuro, um  
desatar o que  
é intrincado.**

**A  
contemplação  
é aquela  
vivacidade da**

***inteligência, a qual, já possuindo todas as coisas, as abarca em uma visão plenamente manifesta, e isto de tal modo que aquilo que a meditação busca, a contemplação possui" (16).***

Isto é, pois, o que é contemplação para Hugo de S. Vitor. Naturalmente não é só isto. Trata-se de uma explicação inicial, mas atrás da qual se esconde um universo que o leitor de primeira viagem sequer pode suspeitar. Não se trata, porém, senão de uma forma muito distante, daquilo que ocorre de modo espontâneo com todo aluno quando ele terminou de estudar algum assunto mais vasto e reflete sobre o conjunto dos conhecimentos adquiridos. Esta forma tão rudimentar de contemplação não é aquilo a que Hugo queria propriamente referir-se quando fala desta operação da inteligência; ao contrário, a contemplação de que Hugo trata é a mais elevada e profunda das operações que a inteligência pode alcançar, algo pelo qual esta faculdade pode ser levada até os limites de sua perfectibilidade, e que, ao contrário desta que acabamos de considerar e que ocorre quase que espontaneamente com todos os estudantes, a contemplação a que Hugo se refere é algo que exige uma dedicação muito maior do que a exigida pelo estudo que lhe deu início. E, tanto é assim, que no V Livro do Didascalicon Hugo afirma que o estudo é para os principiantes, a contemplação para os perfeitos (17).

Seja como for, porém, na pedagogia vitorina a contemplação principia na leitura ou no estudo. Isto significa que requer-se uma teoria da leitura em que o mestre ou o aluno saiba como utilizar-se dela para produzir o pensamento e ao mesmo tempo

**compreenda que há outros processos mais elevados que devem ser desenvolvidos mas que podem ser impedidos por uma concepção errônea do que seja estudar.**

**O assunto é tão importante que Hugo dedicou quase inteiramente uma de suas principais obras pedagógicas, isto é, os seis primeiros dos sete livros do Didascalicon, ao problema do estudo e da leitura.**

**Um rápido exame destes seis primeiros livros do Didascalicon nos mostra que neles uma das primeiras preocupações de Hugo foi responder à pergunta sobre o que, segundo este modo de entender a Pedagogia, se deve ou não se deve estudar. A resposta que ele dá a esta pergunta é que se deve estudar tudo. Pode parecer um despropósito, mas Hugo, neste ponto foi bastante claro. Segundo ele nos explica no início do Opúsculo sobre o Modo de Aprender, o aluno que despreza de antemão qualquer forma de conhecimento, o aluno "que tem como vil alguma ciência ou alguma escritura", mostra não possuir com isto a virtude da humildade, e a humildade, segundo Hugo, "é o princípio de todo aprendizado" (18). E no sexto do Didascalicon ele vai ainda mais longe; em uma das raríssimas páginas em que ele fala de si mesmo, Hugo nos diz o seguinte:**

***"Eu ousou  
afirmar que  
nunca  
desprezei  
nada que  
pertencesse  
ao estudo; ao  
contrário,  
freqüentemente  
aprendi muitas  
coisas que  
outros as  
tomariam por  
frívolas ou  
mesmo  
ridículas.  
Algumas  
destas coisas***

**foram pueris, é  
verdade;  
todavia não  
foram inúteis.  
Não digo isto  
para jactar-me  
de minha  
ciência, mas  
para mostrar  
que o homem  
que prossegue  
melhor é o que  
prossegue  
com ordem,  
não o homem  
que, querendo  
dar um grande  
salto, se atira  
no precipício.  
Assim como  
as virtudes,  
assim também  
as ciências  
têm os seus  
degraus. É  
certo, tu  
poderias  
replicar:**

**`Mas há coisas  
que não me  
parecem ser  
de utilidade.  
Por que eu  
deveria manter-  
me ocupado  
com elas?'**

**Bem o  
disseste. Há  
muitas coisas  
que,  
consideradas**

*em si mesmas,  
parecem não  
ter valor para  
que se as  
procurem,  
mas, se  
consideradas  
à luz das  
outras que as  
acompanham,  
e pesadas em  
todo o seu  
contexto,  
verifica-se que  
sem elas as  
outras não  
poderão ser  
compreendidas  
em um só  
todo, e,  
portanto, de  
forma alguma  
devem ser  
desprezadas.  
Aprende a  
todas, verás  
que depois  
nada te será  
supérfluo.  
Uma ciência  
resumida não  
é uma coisa  
agradável" (19).*

**Se este texto mostra que o Didascalicon é claro ao afirmar que o estudante não deve excluir de seu interesse nenhuma forma de conhecimento, ele também não é menos claro ao explicar as razões pelas quais se recomenda tal preceito. O estudante que, no afã de aprender de tudo, muda constantemente seu objeto de interesse, não entendeu o que Hugo Ihe quer ensinar:**



**"A  
troca  
dos  
bens",**

**diz Hugo,**

**"pertence à  
leviandade;  
o exercício,  
porém, à  
virtude" (20).**

**Hugo quer que o aluno nada exclua de seu interesse para com isto aprender a buscar metodicamente a integridade do conhecimento que é um todo ordenado cujas partes principais não podem ser compreendidas em um só conjunto sem o concurso das partes secundárias. Por isto é que o texto acima adverte que "as ciências têm os seus degraus" e que é preciso nelas "prosseguir com ordem":**

**"Aqueles  
que estão  
sempre  
desprezando  
o velho pelo  
novo e  
aqueles que  
sobem  
pelos  
inferiores  
aos  
superiores",**

**diz Hugo de S. Vitor em outro lugar,**

***"correm por  
caminhos muito  
diversos; aquele que  
busca a mudança é  
tão fastidioso como é  
aplicado aquele que  
apetece o  
aperfeiçoamento" (21).***

Outro aspecto desta questão que também deve ser considerado é que, se o estudante não deve desprezar nenhuma forma de conhecimento, isso não significa que deva aplicar-se a todas por igual. "Tudo aquilo que tende a algum fim a ele se dirige segundo algum caminho próprio", diz Hugo (22), e, em vista disso, há para o aluno, entre os diversos conhecimentos, uma hierarquia de importância. O aluno, portanto, deve aprender

***"a julgar não  
só entre o dia  
e a noite, mas  
também entre  
o dia e o dia.***

***Julgar entre o  
dia e a noite é  
dividir as  
coisas más  
das boas;  
julgar entre o  
dia e o dia é  
ter o  
discernimento  
entre o bom e  
o melhor.  
Muitos, não  
possuindo  
este  
discernimento,  
trabalharam  
muito e  
progrediram***

***pouco, já que  
há alguns  
bens nos  
quais há  
muito para se  
mover e  
pouco para se  
promover,  
enquanto que  
há outros  
que, com  
pequeno  
trabalho,  
produzem  
grande  
fruto" (23).***

**Os que não são capazes de julgar entre o dia e o dia, diz Hugo, "perdem-se do reto caminho" (24):**

***"É de  
pessoas  
assim que a  
Sagrada  
Escritura diz  
que estão  
sempre  
aprendendo,  
mas nunca  
chegam ao  
conhecimento  
da  
verdade" (25).***

**A própria organização geral do Didascalicon nos fornece um outro exemplo de como, segundo Hugo, há uma hierarquia de importância entre os diversos conhecimentos. Dos sete livros do Didascalicon, tal como se encontram no vol. 175 da Patrologia Latina de Migne, os seis primeiros se dedicam ao tema do estudo e da leitura; e destes seis, os três primeiros**

**versam sobre o modo de estudar o conjunto dos diversos conhecimentos e os três últimos sobre o modo de estudar apenas as Sagradas Escrituras.**

**Numa obra anterior, os Princípios Fundamentais de Pedagogia, procuramos tratar da Pedagogia, à luz das obras de Hugo de S. Vitor, de um modo geral e, de um modo mais especial, da contemplação, fim da mesma. Na Educação segundo a Filosofia Perene tivemos idêntico objetivo, abordando o mesmo tema enquadrado dentro da tradição mais vasta da qual Hugo de S. Vitor é apenas uma parte. Neste presente livro nossa intenção será tratar a respeito dos princípios relacionados com o estudo das Sagradas Escrituras, tais como podem ser encontrados nas obras de Hugo de S. Vitor.**

## **Referências**

**(13) Hugo S.**

**Vitor: De**

**Modo**

**Discendi et**

**Meditandi,**

**PL 175, 879.**

**(14) Ibidem,**

**loc. cit.. (15)**

**Ibidem, PL**

**175, 878-879.**

**(16) Ibidem,**

**PL 175, 879.**

**(17) Hugo S.**

**Vitor:**

**Didascalicon,**

**L. V, C. 8-9;**

**PL 175, 797.**

**(18) Idem:**

**De Modo**

**Discendi et**

**Meditandi;**

**PL 175, 877.**

**(19) Idem:**

**Didascalicon;**

**L. VI, C. 6;**

**PL 175,**

**799C-801A.**

**(20) Idem:**

**De modo  
meditandi;  
PL 175, 997-  
8**

**(21) Ibidem:**

**PL 175, 998.**

**(22) Ibidem:**

**PL 175, 996.**

**(23) Ibidem:**

**loc. cit..**

**(24) Idem:**

**Didascalicon;**

**L.V, C.5; PL**

**175, 794.**

**(25) Ibidem,**

**loc. cit..**





#### **4. O Estudo das Sagradas Escrituras na pedagogia vitorina.**

**Se as Sagradas Escrituras ocupam um lugar de especial destaque na pedagogia dos vitorinos isto não se deve a uma afinidade de caráter pessoal de Hugo de S. Vitor para com elas mas a que, segundo o mesmo Hugo, uma análise destes livros revela que eles ocupam um lugar ímpar entre todas as obras que já aparecerem na história humana. As Sagradas Escrituras não são apenas diferentes, sob muitos aspectos, de todas os demais livros que já se escreveram; elas são também, nestes mesmos aspectos, um caso único em toda a história da literatura.**

**O caráter ímpar das Sagradas Escrituras já se evidencia pela finalidade com que foram escritas. Segundo o prólogo do De Sacramentis Fidei Christianae,**

***"quem se aproxima das lições das Sagradas Escrituras com o desejo de aprender, deve considerar em primeiro lugar qual é o assunto de que tratam, pois assim poderá alcançar mais facilmente a verdade e a profundidade de suas sentenças.***

***A matéria de  
todas as  
Sagradas  
Escrituras é  
a obra da  
restauração  
humana" (26).***

**Nunca, diz Hugo de S. Vitor, foi escrita qualquer outra obra que tratasse ou tivesse como objetivo abordar semelhante tema; a matéria de todos os demais livros, diz Hugo em outro lugar,**

***"consiste nas  
obras da  
criação,  
enquanto que a  
matéria das  
Sagradas  
Escrituras  
consiste na obra  
da  
restauração" (27).***

**E, justamente porque é assim, o estudo das Sagradas Escrituras produz frutos que nenhuma outra obra é capaz de produzir; são frutos objetivos e claramente perceptíveis pelos que se dedicam a seu estudo, e que lhes advém ainda que não se lhes tivesse avisado de antemão que viriam:**

***"Quem  
quer que  
se  
entregue  
ao  
estudo  
da  
sabedoria  
divina",***

**diz Hugo,**

***"conhecerá  
o fruto de  
suas lições  
mais pela  
própria  
experiência  
do que  
pelos  
testemunhos  
alheios" (28).***

**Os frutos do estudo das Sagradas Escrituras, repetirá Hugo em muitas de suas obras, são principalmente dois, um na inteligência e outra na vontade. O primeiro é o conhecimento da verdade e a aquisição da ciência, e o segundo é o amor do bem e a ornamentação da alma pelas virtudes.**

**Esta afirmação, que à primeira consideração poderia parecer apenas uma manifestação espontânea dos sentimentos piedosos de um homem religioso, examinada dentro do conjunto da obra de Hugo de S. Vitor revela ser, na realidade, uma conclusão necessária proveniente de uma compreensão mais profunda da natureza humana e da mensagem evangélica. Pois, segundo teremos oportunidade de examinar mais adiante, Hugo repete constantemente em suas obras que o homem havia sido criado inicialmente num estado de elevação espiritual do qual veio a decair pelo pecado; e, em sua queda, foi vulnerado principalmente em dois pontos: na inteligência, pela ignorância do bem, e na vontade, pelo desejo do mal. Se, portanto, o assunto de que tratam as Sagradas Escrituras é a obra da restauração humana, e elas próprias fazem parte desta obra, os frutos de seu estudo não poderiam ser outros senão curar estas duas feridas principais em que o homem foi vulnerado em sua queda.**

**Esta compreensão da natureza da indigência espiritual do homem após a queda é tal que perpassa toda a pedagogia e a espiritualidade vitorina; no acertado dizer de um conhecido**



**autor contemporâneo,**

***"por volta do  
século XIII  
começam a  
delinear-se  
distintas escolas  
de espiritualidade  
em torno às  
grandes ordens  
religiosas. A  
escola de São Vitor  
representa um  
termo médio entre  
a escola  
beneditina, de  
orientação  
predominantemente  
afetiva, e a  
dominicana, que  
nascerá em  
seguida, com  
tendência mais  
intelectualista" (29).***

**Conhecimento e virtude, amor e sabedoria, ou outras expressões similares, será um binômio constantemente empregado por Hugo de S. Vitor ao descrever a ascensão do homem até Deus:**

***"Deus  
habita  
no  
coração  
do  
homem  
de dois  
modos",***

**diz Hugo de S.Vitor,**

**"pelo  
conhecimento  
e pelo amor,  
embora  
ambas estas  
coisas sejam  
uma só casa,  
pois todo  
aquele que  
conhecer a  
Deus  
acabará por  
amá-lo, e  
ninguém  
poderá amá-  
lo sem  
conhecê-lo.  
Para isto  
foram feitas  
as Sagradas  
Escrituras,  
para isto foi  
feito o  
próprio  
mundo, para  
isto o Verbo  
se fêz carne,  
Deus se  
humilhando  
para  
sublimar o  
homem. A  
arca de Noé  
é uma figura  
deste edifício  
espiritual, no  
qual debes  
aprender a  
sabedoria e a  
virtude que  
adornarão a  
tua**

***alma" (30).***

**Assim, quando o homem que se dedica ao estudo das Sagradas Escrituras percebe por experiência própria que seus frutos são sabedoria e virtude, este dado experimental possui suas raízes no quadro mais vasto da história da salvação e da situação presente do homem dentro da ordem do Universo.**

**Não é apenas isto, porém. Pois, conforme vimos, a finalidade de toda espiritualidade é conduzir o homem à contemplação; e, embora tenhamos dado uma primeira explicação do que seja a contemplação segundo o Opúsculo sobre o Modo de Aprender de Hugo de S. Vitor, não é menos verdade que a contemplação tal como se encontra descrita na tradição cristã se produz do encontro das virtudes teologais de uma fé firme, constante e pura com uma caridade intensa. Ora, a fé, segundo Tomás de Aquino, reside na inteligência, e é um modo de conhecimento, pois, dizem as Sagradas Escrituras, que**

***"pela fé  
conhecemos  
que o  
Universo  
recebeu a  
sua ordem  
de uma  
palavra de  
Deus, de  
modo que  
as coisas  
visíveis não  
provieram  
das  
sensíveis";***

**Heb.  
11,  
3**

**e a caridade, uma virtude infundida por Deus na vontade pela qual cumprimos o maior mandamento do Cristianismo, é aquele amor perpétuo que nos foi prescrito pelo Evangelho de S. Marcos:**

***"Amarás o  
Senhor teu  
Deus  
com todo o  
teu coração,  
com toda a  
tua alma,  
com todo o  
teu  
entendimento,  
e com todas  
as tuas  
forças".***

**Mc .  
12 ,  
28**

**A contemplação, pois, fim da pedagogia vitorina, resulta do encontro de uma virtude que reside na inteligência com outra virtude que reside na vontade; o estudo das Sagradas Escrituras, segundo Hugo de S. Vitor, se faz parte tão importante de uma pedagogia que conduz à vida contemplativa, deve, portanto, produzir os seus efeitos tanto em uma quanto em outra faculdade. É o que diz Hugo no prólogo das Allegoriae Utriusque Testamenti:**

***"Nas Sagradas Escrituras a alma do estudante encontra primeiro uma ocupação honesta, depois a sutilidade da meditação e a assiduidade da oração; finalmente, encontrará ali também a suprema claridade da contemplação" (31).***

**E, logo em seguida, acrescenta:**

***"Aquele que, portanto, recusar apascentar-se no alimento da Sagrada Escritura, já principiou a perder a vida de sua alma" (32).***

**Referências**

**(26) Hugo de S.  
Vitor: De  
Sacramentis  
Fidei Christianae;  
Prologus, C.1-2;  
PL 176, 183.**

**(27) Idem:  
Praenotatiunculae  
de Scripturis et  
Scriptoribus  
Sacris, C. II; PL  
175, 11.**

**(28) Idem:  
Allegoriae  
Utriusque  
Testamenti;  
Prologus; PL  
175, 633-4.**

**(29) A.Royo  
Marin O.P.:  
Teologia de la  
Perfección  
Cristiana;  
Madrid, BAC,  
1968; V Ed., pg.5.**

**(30) Hugo S.  
Vitor: De Arca  
Noe Morali, L. I,  
C. 2; PL 176, 621-  
2.**

**(31) Idem:  
Allegoriae  
Utriusque  
Testamenti, Prol.;  
PL 175, 633-4.**

**(32) Ibidem, loc  
cit..**





## **5. Os sentidos das Sagradas Escrituras.**

Uma segunda diferença entre as Sagradas Escrituras e os demais livros, segundo Hugo de S. Vitor, é que há nas Sagradas Escrituras canais de significação mais profundos inexistentes nos outros livros. Consideremos as próprias palavras de Hugo:

***"No discurso  
sagrado não  
apenas as  
palavras, mas  
também as  
coisas  
significadas  
pelas  
palavras têm  
por sua vez  
outras  
significações.  
Trata-se de  
algo que só  
muito  
raramente se  
observa em  
outros  
escritos. Os  
filósofos  
apenas  
conheceram  
as  
significações  
das palavras,  
embora as  
significações  
das coisas  
sejam mais  
excelentes do  
que as  
significações  
das palavras.  
As***

***significações  
das palavras  
foram  
instituídas  
pelo uso, as  
significações  
das coisas  
foram  
impostas  
pela  
natureza" (33).***

**É importante entender corretamente o que Hugo de S. Vitor quer dizer com estas palavras. Segundo ele, as Sagradas Escrituras podem ser lidas segundo diversos significados que se superpõem. Se as lermos e as entendermos segundo o significado que as palavras têm, este entendimento corresponderá ao sentido literal ou histórico. Mas se as lermos e as entendermos segundo o significado que as coisas significadas pelas palavras também têm, podemos obter daí uma série de leituras diversas, pois, ao contrário das palavras, que raramente significam**

***"mais do  
que duas ou  
três coisas,  
as coisas  
significadas  
pelas  
palavras  
podem ter  
significados  
tão variados  
quantas  
forem as  
propriedades  
visíveis ou  
invisíveis  
que tiverem  
em comum  
com as***



*demais  
coisas"(34).*

**Deve-se insistir que quando se afirma que nas Sagradas Escrituras as coisas significadas pelas palavras significam, por sua vez, outras coisas, isto não ocorre pela vontade dos autores sagrados ou por alguma convenção estabelecida pelas Sagradas Escrituras, mas tão somente pelas próprias coisas em si mesmas, isto é, pela própria natureza das coisas, independentemente de que algum dia tenham existido ou não escrituras sagradas. Sempre que alguma coisa possua, por sua natureza, alguma semelhança com outra, ela passa a representar, por instituição da natureza, e não por convenção das Sagradas Escrituras, aquela outra coisa.**

**Para entendermos corretamente isto, tomemos o exemplo de uma árvore. Consideremos o que poderia significar uma árvore enquanto árvore. Enquanto palavra, árvore significa uma forma de vida vegetal; ela própria, porém, enquanto planta, significa, dentre outras coisas, a vida espiritual do homem.**

**De fato, assim como as diversas virtudes da alma humana surgem nascidas de uma virtude maior do que todas, que é a caridade, assim também em uma árvore os mais diversos ramos nascem de um só tronco. Sem a seiva conduzida pelo tronco até os ramos a árvore não cresce, nem produz ramos; assim também, não há crescimento espiritual nem pode haver verdadeiras virtudes sem existir primeiramente a virtude da caridade.**

**Não existe, porém, caridade sem existir a fé, pois sem a fé, dizem as Sagradas Escrituras, "é impossível agradar a Deus" (Heb. 11,6). A caridade se sustenta pela estabilidade da fé, assim como o tronco de uma árvore tem sua estabilidade e seu alimento pela profundidade das raízes. As raízes, por sua vez, tiram sua força da própria consistência da terra, que, conforme veremos, Hugo de S. Vitor afirma várias vezes ser símbolo da Igreja, pela estabilidade da fé de quem ela é o sustentáculo.**

**As folhas das árvores, pelas quais a planta respira, nascem dos**

ramos; assim também na vida espiritual o homem respira pela contemplação. A vida contemplativa, que nasce dos ramos das virtudes, é, deste modo, a respiração da alma virtuosa, isto é, da alma frondosa pela quantidade e pela robustez de seus ramos. Assim como as folhas respiram retirando energia do Sol, o qual, pela sua luz, significa o próprio Deus, assim também Deus é a luz dos homens e o objeto da vida contemplativa.

Já os frutos das árvores representam as boas obras, impossível de existirem sem os ramos das virtudes e sem a respiração da contemplação. Os frutos não nascem das folhas; ao contrário, encontram-se pendurados diretamente nos ramos; assim também as boas obras não nascem da contemplação, mas são frutos das diversas virtudes; entretanto, consta que nunca se encontram frutos abundantes em uma árvore desfolhada.

Uma árvore, ademais, pode não apresentar frutos em algumas épocas do ano, assim como os homens, por não se apresentar ocasião necessária, podem em certas épocas não exercitar algumas das virtudes. Mas, qualquer que seja a estação, uma árvore desfolhada perde toda a sua beleza, enquanto que uma árvore frondosa, rica em folhagem, sempre servirá de pouso para as aves do céu e de sombra para os homens e os animais que se deliciam em repousar ao seu abrigo.

As aves do céu que repousam e fazem seus ninhos por entre as folhagem de uma árvore frondosa são os homens espirituais, que voam pelo céu, isto é, pelas alturas da contemplação, pois o céu, de cuja altura se vê a tudo, significa também a contemplação, a qual, segundo Hugo de S. Vitor, é algo que "se estende à compreensão de muitas ou também de todas as coisas, abarcando-as em uma visão plenamente manifesta". As aves do céu que fazem o seu ninho entre os ramos e em meio à folhagem da árvore significam as amizades que só existem entre homens santos.

Os animais ou os demais homens que descansam à sombra da árvore significam os pecadores ou os principiantes na vida religiosa, cuja mente, constantemente presa às coisas da terra, não consegue se elevar às coisas do céu. Mesmo estas pessoas, entretanto, quando casualmente se deparam com um homem santo, eminente pelos ramos das virtudes e pela folhagem da contemplação, percebem que a presença de sua

sombra tem um atrativo particularmente agradável que é inútil procurar sob o calor que fustiga a terra árida. A companhia destes homens é como aquela sombra refrescante que só uma árvore bem folheada é capaz de proporcionar e sua sombra é aquela amizade que se dá entre os homens que já vivem na terra a vida do céu e aqueles que ainda não a conhecem ou a conhecem imperfeitamente. É uma amizade, porém, imperfeita em comparação com a anterior, pois só as aves do céu estabelecem seu ninho nas árvores, enquanto que os homens que repousam às suas sombras estão ali apenas de passagem; depois se levantam e vão embora, para cuidarem de sua vida sob o calor fustigante do sol. Estes são aqueles aos quais se referia o Eclesiastes quando dizia:

*"Que proveito  
tirará o homem  
de todo o seu  
trabalho e da  
aflição de  
espírito, com  
que é  
atormentado  
debaixo do sol?  
Vi tudo o que  
se faz debaixo  
do sol, e achei  
que era vaidade  
e aflição de  
espírito. Os  
perversos  
dificultosamente  
se corrigem, e  
o número dos  
insensatos é  
infinito".*

**Ec1 .**

**2 ,**

**22 ;**

**1 ,**

**14**

**Uma árvore, assim, significa tudo isto. Mas, deve-se reparar, todo este seu significado não depende em nada da existência das Sagradas Escrituras, e sim apenas de sua própria natureza. Ainda que nunca tivessem existido as Sagradas Escrituras, uma árvore continuaria a significar para sempre a mesma coisa. No exemplo acima não era preciso citar nenhuma passagem da Escritura para descobrir o significado da árvore. Isto quer dizer que não são apenas as coisas significadas pelas palavras das Sagradas Escrituras que significam outras; também as coisas significadas pelas palavras de qualquer outro livro significam por sua vez as mesmas coisas que as mesmas palavras das Sagradas Escrituras. A diferença é que, enquanto nos demais livros os significados das coisas significadas pelas palavras, quando colocados um ao lado do outro, formam um discurso inteiramente desconexo e sem sentido, Hugo de S. Vitor faz notar que nas Sagradas Escrituras os significados destas mesmas coisas produzem um discurso de raríssima beleza e de significação ainda mais profunda do que o sentido literal das palavras do mesmo discurso. Até hoje, ao que se saiba, só Deus escreveu uma obra com características como esta.**

**S. Tomás de Aquino também afirma quase a mesma coisa na seguinte passagem da Summa Theologiae:**

**"O autor  
das  
Sagradas  
Escrituras é  
Deus, que  
tem o poder  
de não  
apenas  
acomodar  
as palavras  
à sua  
significação,  
o que  
também o  
homem  
pode fazer,  
mas  
também as  
próprias  
coisas. E  
por isso,  
embora em  
todas as  
ciências as  
palavras  
signifiquem  
alguma  
coisa, a  
Ciência  
Sagrada  
tem como  
próprio que  
as próprias  
coisas  
significadas  
pelas  
palavras  
também  
signifiquem,  
por sua vez,  
alguma  
outra coisa.  
A primeira**

***significação,  
pela qual as  
palavras  
significam  
as coisas,  
pertence ao  
sentido  
histórico ou  
literal. A  
significação,  
porém, pela  
qual as  
coisas  
significadas  
pelas  
palavras  
por sua vez  
significam  
outras  
coisas, é  
chamada de  
sentido  
espiritual,  
que se  
fundamenta  
sobre o  
sentido  
literal e o  
supõe" (35).***

**Esta propriedade ímpar das Sagradas Escrituras foi reconhecida não apenas por S. Tomás de Aquino e Hugo de S. Vitor, mas por quase todos os santos padres que viveram antes deles, como Santo Agostinho, S. Jerônimo, S. Gregório Magno, S. Beda o Venerável, para mencionar apenas alguns nomes onde caberia praticamente toda a lista dos escritores cristãos do primeiro milênio da Igreja.**

**Todos estes autores concordam unanimemente com o que acabamos de expor; eles diferem apenas, e ainda assim muito pouco, na nomenclatura que dão aos diversos sentidos espirituais que as Escrituras podem ter, o próprio Hugo de S.**

Vitor se valendo de nomenclaturas diversas de acordo com a obra que escreve. A mais freqüentemente usada por Hugo de S. Vitor consiste em chamar de sentido histórico ou literal às coisas significadas pelas palavras; sentido alegórico ao que é significado pelas coisas significadas pelas palavras quando, por meio delas, por um fato visível se significa outro fato visível, como quando por um fato do Velho Testamento se significa um fato do Novo; e sentido tropológico ou moral quando por uma determinada coisa ou determinado fato se significa alguma outra coisa que devemos fazer. De qualquer maneira, se de autor para autor as diferenças de nomenclatura são pequenas, a realidade que nos é descrita através delas é sempre a mesma.

O termo alegoria ou sentido alegórico é o mais constantemente utilizado por todos os autores; tal palavra, porém, é um termo infeliz para os dias de hoje. Segundo Hugo de S. Vitor, o sentido alegórico diz respeito a um significado real, mais profundo e verdadeiramente intencionado por Deus ao inspirar os autores sagrados; aos ouvidos do homem moderno, entretanto, a palavra alegoria soa como uma referência a uma forma de fantasia, a um simples produto da imaginação do leitor, desvinculado da realidade a que verdadeiramente o texto tem por objeto.

## Referências

(33) Idem:

Didascalicon, L.  
V, C. 3; PL 175,  
790.

(34) Idem:

Praenotatiunculæ  
de Scripturis et  
Scriptoribus  
Sacris, C. 14; PL  
175, 21.

(35) S. Tomás de  
Aquino: Summa  
Theologiae, I, Q.  
I, a. 10.







## **6. Uma Interpretação Alegórica no Novo Testamento.**

Consideremos a parábola do bom samaritano, tal como ela nos é narrada no Evangelho de São Lucas. Um estudioso da Lei de Moisés, tendo ouvido Jesus falar da necessidade de amar ao próximo como a si mesmo, perguntou-lhe quem era este próximo; esta pergunta deu a Jesus a oportunidade de narrar a parábola do bom samaritano. Para responder à pergunta do estudioso da Lei de Moisés, Jesus disse o seguinte:

***"Um homem  
descia de  
Jerusalém a  
Jericó, e  
caíu no meio  
de  
assaltantes  
que, após  
havê-lo  
despojado  
de suas  
vestes e  
espancado,  
foram-se,  
deixando-o  
meio morto.***

***Casualmente,  
descia por  
este  
caminho um  
sacerdote;  
viu-o e  
passou  
adiante.***

***Igualmente  
um levita,  
atravessando  
este lugar,  
viu-o e***

***prosseguiu.***

***Certo  
samaritano  
em viagem,  
porém,  
chegou  
junto dele,  
viu-o e  
moveu-se de  
compaixão.  
Aproximou-  
se, cuidou  
de suas  
chagas,  
derramando  
óleo e vinho,  
depois  
colocou-o  
em seu  
próprio  
animal,  
conduziu-o à  
hospedaria e  
dispensou-  
lhe  
cuidados.***

***No dia  
seguinte  
tirou dois  
dinheiros e  
deu-os ao  
hospedeiro,  
dizendo:***

***`Cuida dele,  
e o que  
gastares a  
mais, em  
meu  
regresso te  
pagarei'.***

**Qual dos  
três",**

**pergunta então Jesus,**

**"em tua  
opinião, foi  
o próximo  
do homem  
que caiu  
nas mãos  
do  
assaltante?"**

**Lucas  
10,  
30-  
36**

**O sentido literal desta parábola é tão claro e tão evidente que ela sequer parece ser uma parábola, mas apenas a narração de um exemplo a ser imitado. Jesus parece querer dizer que, quando vemos o próximo em dificuldade, podemos fingir que nada vemos e passar adiante, ou então podemos parar o que estamos fazendo e, por amor do próximo, socorrê-lo. A parábola, pois, parece querer ensinar que todos nós devemos agir como o bom samaritano; ademais, foi assim que, mais adiante, o mesmo Evangelho de São Lucas narra que o estudioso da Lei de Moisés diz ter entendido o significado desta parábola (Lc. 10, 39), e é assim que quase todos a entendem quando a lêem. E é assim porque é isto mesmo o que ela de fato significa. Trata-se, porém, apenas do seu sentido literal.**

**Além deste sentido, diz Hugo de S. Vitor, é evidente que há outro sentido mais profundo nesta parábola proposta por Jesus, um sentido que não foi apreendido pelo estudioso da Lei de Moisés, um sentido significado não pelas palavras, mas pelas**

**coisas significadas pelas palavras.**

**Jerusalém, diz Hugo de S. Vitor, significa a "contemplação das coisas do alto"; quanto à viagem, esta significa o pecado, e Jericó "a miséria mundana", ou mesmo o inferno:**

***"Este  
homem,  
portanto",***

**continua Hugo,**

***"que descia  
de Jerusalém  
a Jericó e foi  
assaltado  
pelos  
ladrões  
designa o  
próprio  
gênero  
humano" (36).***

**Na seqüência da história, o homem que abandona as coisas do alto e segue pelo caminho que conduz a Jericó é assaltado no caminho pelos ladrões, despojado de suas vestes, espancado e abandonado semi morto. Estes ladrões, diz Hugo, "são os demônios" que despojaram o homem das "vestes da imortalidade e da inocência" e o feriram gravemente pelo pecado.**

**De fato, continua Hugo, Deus havia feito o homem**

**"à sua  
imagem e  
semelhança,  
conforme  
diz o  
primeiro  
capítulo do  
Gênesis.**

**Fê-lo à sua  
imagem  
segundo a  
inteligência,  
à sua  
semelhança  
segundo o  
amor, para  
que,  
dirigindo-se  
a Deus por  
ambas estas  
coisas,  
alcançasse  
a felicidade.**

**Mas o  
demônio,  
invejando a  
felicidade  
do homem,  
contra estes  
dois bens  
primordiais  
conduziu o  
homem a  
dois males  
principais.**

**Feriu o  
homem que  
tinha sido  
feito à  
imagem de**

**Deus  
segundo a  
inteligência  
com a  
ignorância  
do bem;  
tendo ele  
também  
sido feito à  
semelhança  
de Deus,  
feriu-o com  
o desejo do  
mal.**

**Desta  
maneira,  
depois de  
despojá-lo e  
ferí-lo,  
abandonou-  
o semi  
morto na  
estrada" (37).**

**O sacerdote e o levita que passaram e viram o homem ferido e despojado de suas vestes, continua Hugo,**

**"são os pais  
do Antigo  
Testamento,  
(isto é, os  
profetas e  
os homens  
justos que  
viveram  
antes de  
Cristo), que  
passaram  
pelo estado  
da vida**

***presente  
vivendo  
santamente,  
mas que  
não  
conseguiram  
curar o  
gênero  
humano  
ferido pelo  
pecado" (38).***

**Já o samaritano, homem natural de um povo que vivia ao norte da Palestina e era odiado pelos judeus, que vendo ao pobre homem, moveu-se de compaixão, aproximou-se dele e cuidou de suas feridas derramando sobre elas óleo e vinho, representa o próprio Cristo, rejeitado e crucificado pelos judeus, que veio socorrer ao homem caído pelo pecado**

***"tanto pelos  
seus  
ensinamentos  
como  
expiando sua  
culpa na  
cruz" (39).***

**A hospedaria à qual o samaritano conduziu o pobre homem, continua Hugo, é a Igreja, à qual Cristo confiou a salvação dos homens, e o estalajadeiro são todos aqueles que nela governam e ensinam. Somente no dia seguinte, porém, é que o samaritano confiou o homem aos cuidados do estalajadeiro, isto é,**

***"depois de  
realizado  
primeiro o  
mistério da  
Redenção" (40).***

**Ao confiar à Igreja os cuidados para com os homens feridos pelo pecado, Cristo entregou-lhes "dois dinheiros", isto é,**

***"a ciência e a  
graça de ensinar  
o Antigo e o  
Novo  
Testamento" (41).***

**"E tudo o que gastares a mais", acrescenta o Cristo, "em meu regresso eu te pagarei". Isto significa, continua ainda Hugo, que aqueles que ensinam, ao tratarem do doente,**

***"não apenas  
pregam aquilo que  
está nos dois  
Testamentos, mas  
ensinam também  
muitas outras  
coisas que  
elaboram de  
acordo com o que  
está escrito nestes  
dois Testamentos  
para que sejam  
manifestadas aos  
outros.***

***O Cristo distribuí-  
lhes a graça de  
ensinar, e assim,  
com os homens  
aos quais devem  
doutrina, não  
gastam apenas o  
dinheiro que lhes  
foi confiado pelo  
Cristo, isto é,  
narrando a simples  
letra dos dois***



***Testamentos, mas  
ensinando  
incessantemente  
inúmeras outras  
coisas que,  
mediante o auxílio  
da graça, são  
elaboradas pela  
contemplação e  
diligentissimamente  
dispostas pelo  
coração.***

***Desta maneira, no  
dia do Juízo,  
quando o Senhor  
voltar, dará o  
prêmio a cada um  
segundo os seus  
méritos" (42).***

**Digno de nota, nesta última passagem , é a expressão de Hugo:**

***"mediante o auxílio  
da graça,  
elaboradas pela  
contemplação e  
diligentissimamente  
dispostas pelo  
coração".***

**É novamente a marca inconfundível da espiritualidade vitorina, que aparece e reaparece de mil maneiras, e que nos faz lembrar outra passagem semelhante da profecia de Malaquias:**

**"E agora  
esta é, ó  
sacerdotes,  
a ordem  
que se vos  
intima:  
se não me  
quiserdes  
ouvir,  
diz o  
Senhor,  
eu vos  
mandarei a  
indigência  
e  
amaldiçoarei  
as vossas  
bênçãos,  
porque não  
pusestes as  
minhas  
palavras  
sobre o  
vosso  
coração.  
Pois os  
lábios dos  
sacerdotes  
serão os  
guardas da  
ciência,  
e de sua  
boca se há  
de aprender  
a lei,  
porque ele  
é o anjo do  
Senhor".**

Mal .

2,1-

2;

2,7

**Tudo isto é, portanto, o que significa a parábola do bom samaritano segundo o sentido mais profundo do significado das coisas significadas pelas suas palavras.**

**Alguém poderia objetar que, apesar da beleza desta interpretação, ela não passa de pura fantasia, e que nem Jesus que narrou a parábola, nem São Lucas que a colocou por escrito, nem o Espírito Santo que inspirou S. Lucas pensaram neste possível sentido que suas palavras poderiam ter. Foi Hugo de S. Vitor, ou talvez Santo Agostinho, que parece ter sido o primeiro a levantar esta interpretação da parábola do bom samaritano (43), que teriam inventado este sentido para a parábola.**

**A discussão a respeito de se este sentido da parábola do bom samaritano foi inventado por S. Agostinho ou por Hugo de S. Vitor ou foi verdadeiramente intencionada pelo autor das Sagradas Escrituras e, portanto, não inventada mas lida por Hugo e Agostinho que tinham aprendido a fazê-lo não apenas nas palavras mas também nas coisas, poderia tornar-se interminável se não fosse o detalhe do itinerário escolhido por Jesus para a viagem do pobre homem.**

**A desventurada vítima dos assaltantes, diz a parábola, havia saído de Jerusalém e se dirigido a Jericó. Jerusalém, o ponto de partida, é a cidade mais alta da Palestina, situada no alto do monte Sião, sede do templo de Salomão e do culto judaico, cujo nome significa "Cidade da Paz", onde o Cristo iria operar a redenção do gênero humano e subir aos céus, de onde os apóstolos partiram para pregar o Evangelho a todos os povos, cidade já considerada sagrada pelos judeus desde muitos séculos antes de Cristo. Para o povo judeu, Jerusalém é a cidade que mais perfeitamente pode significar tudo quanto há de sagrado, e ainda hoje esta cidade traz à mente de cristãos e de muçulmanos significados semelhantes. Se Jesus queria escolher para sua parábola alguma cidade que significasse as**

**coisas do alto, não poderia ter escolhido outra melhor do que Jerusalém.**

**Jericó, por outro lado, é a cidade mais baixa do Oriente Médio; ela fica em uma região desértica, num local de clima sufocante, em uma depressão situada 300 metros abaixo no nível do mar às margens do Mar Morto. Na verdade, sabe-se hoje que Jericó é a cidade mais baixa de todo o planeta e, se não fosse o relevo das montanhas da Palestina, ela já deveria estar submersa debaixo de uma camada de algumas centenas de metros de água a uma profundidade que nem a luz do Sol conseguiria atravessar. A História, ademais, dava à cidade de Jericó conotações condizentes com a sua geografia. Quando os judeus liderados por Josué entravam para a tomada da terra prometida, Jericó foi a primeira e a mais espetacularmente cidade conquistada pelo povo escolhido, e foi também a mais severamente tratada. Além de arrazá-la inteiramente até os seus fundamentos, os israelitas haviam recebido ordens de Deus para que sequer um só objeto lhe fosse tomado como despojo. Ao contrário da tomada de outras cidades, em Jericó tudo deveria ser implacavelmente queimado; os objetos de metal que não podiam ser destruídos pelo fogo deveriam ser consagrados unicamente ao culto divino. Os imensos muros da cidade desabaram repentinamente diante dos judeus que a cercavam sem que ninguém lhes tivesse atirado sequer uma pedra. Com os seus habitantes tomados pelo pavor, os israelitas, dizem as Escrituras,**

***"tomaram  
a cidade,  
mataram  
tudo o  
que nela  
havia,  
desde os  
homens  
até às  
mulheres,  
desde as  
crianças  
até aos  
velhos.  
Passaram***

**ao fio da  
espada  
os bois,  
as  
ovelhas  
e os  
jumentos;  
puseram  
fogo à  
cidade a  
tudo o  
que nela  
havia".**

**Jos .  
6 , 20 -  
21 ;  
6 , 24**

**O jovem Acan, por ter desobedecido às ordens de Deus e ter tomado às escondidas como despojo da conquista uma capa de escarlate, alguma prata e uma barra de ouro, foi apedrejado e "tudo o que lhe pertencia foi consumido no fogo" (Jos. 7, 25). Dentre todos os habitantes de Jericó, somente uma prostituta e sua família foi considerada digna de ter sua vida poupada. Depois da cidade ter sido inteiramente destruída, Josué ainda pronunciou uma maldição sobre aquele que viesse a reedificá-la, mais especificamente sobre aquele que tornasse a lhe lançar os fundamentos e sobre aquele que viesse a lhe por novamente as portas (Jos. 6, 26). Quatrocentos anos mais tarde, Hiel de Betel decidiu reerguer Jericó; conseguiu seu intento, mas um outro livro das Sagradas Escrituras registra que, ao lançar os fundamentos da cidade e ao ter posto as suas portas, cumpriu-se também nele a maldição pronunciada por Josué quatro séculos antes (I Reis 16, 34). Por todas estas razões, se existisse para um israelita algum lugar em toda a terra que pudesse significar o pecado, a miséria humana, a queda do homem ou o inferno, este lugar era Jericó.**

**Diante destes dados cabe-nos agora perguntar como se explica,**

**se a parábola do bom samaritano não tem este outro sentido que nos é descrito por Santo Agostinho e Hugo de S. Vitor, que entre todas as cidades possíveis para serem o ponto de partida e de chegada do viajante, Jesus tenha escolhido justamente Jerusalém e Jericó?**

**Nesta parábola, por outro lado, temos um exemplo de uma significação das coisas que é mais profunda do que a significação das palavras. Segundo o sentido literal das palavras, aquele sentido com que foi entendida pela primeira vez pelo estudioso da Lei que a tinha ouvido dos lábios de Jesus, a parábola quer ensinar que amar ao próximo significa agir como o bom samaritano e compadecer-se dos feridos e dos doentes. Esta interpretação é correta, pois ao ouvi-la da boca do estudioso da Lei, Jesus lhe respondeu que, assim como ele a havia entendido, "fosse e fizesse o mesmo" (Lc. 10, 37).**

**Mas, segundo o sentido significado pelas coisas significadas pelas palavras, Jesus nos ensina uma maneira mais elevada de amar ao próximo. Amar ao próximo, neste outro sentido, não significa agir como o bom samaritano, mas sim agir como o estalajadeiro. E isto não se pode fazer sem pressupor a hospedaria, que é a Igreja, e o Cristo, que é o bom samaritano. Neste outro sentido mais elevado de amar ao próximo é ao Cristo que cabe a parte principal, o homem apenas servindo-lhe de auxiliar em sua missão e completando o que ele iniciou. A missão do Cristo é, neste caso, "a obra da restauração humana" a que Hugo tantas vezes se refere, feridos como estão pela ignorância do bem e pelo desejo do mal. Mais ainda, Hugo de S. Vitor insinua na sua interpretação da parábola do bom samaritano que o homem pode cooperar com esta missão do Cristo maximamente pelo ensino. Não se trata, porém, de qualquer forma de ensino, mas daquele ensino que procede da contemplação, pois diz Hugo que a tarefa de ensinar foi confiada à Igreja através da graça, a qual normalmente se adquire através da oração e da contemplação que procede da caridade. E ensinar deste modo, diz Jesus no Evangelho, é a maior prova de amor; é assim que se encerram os quatro Evangelhos (Mt. 28,20; Mc. 16,15; Lc. 24,47; Jo. 21,15-17), e também foi esta a regra de vida que os apóstolos tomaram para si:**

***"Não nos  
convém  
abandonar  
a palavra  
de Deus  
para  
servir às  
mesas",***

**disseram os apóstolos.**

***"Procurai  
alguém que  
possa ser  
colocado na  
direção deste  
ofício; quanto a  
nós,  
permaneceremos  
assíduos à  
oração e ao  
ministério da  
palavra".***

**At .  
6 ,  
4**

**Referências**

**(36) Hugo S.**

**Vitor:**

**Allegoriae**

**Utriusque**

**Testamenti,**

**NT, L. IV, C.**

**12; PL 175,**

**814-5.**

**(37) Ibidem:**

**loc. cit.. (38)**

**Ibidem: loc.**

**cit.. (39)**

**Ibidem: loc.**

**cit.. (40)**

**Ibidem: loc.**

**cit.. (41)**

**Ibidem: loc.**

**cit.. (42)**

**Ibidem: loc.**

**cit..**

**(43) S.**

**Agostinho:**

**Quaestiones**

**Evangeliorum**

**Libri II, L. II,**

**C. 19; PL**

**35, .**







## **7. Uma Interpretação Alegórica no Velho Testamento.**

Um exemplo, talvez o mais notável entre os que existem nas obras que nos foram deixadas pelos vitorinos, da significação mais profunda que as coisas significadas pelas palavras possuem nas Sagradas Escrituras é o abordado por Ricardo de São Vitor ao considerar a passagem do Êxodo em que o Senhor descreve a Moisés como deveria ser construída a Arca da Aliança. Nos capítulos 25 a 31 do Êxodo lemos como, após terem os judeus abandonado a terra do Egito e acampado aos pés do Monte Sinai, o Senhor expõe a Moisés como deveria ser construído o Tabernáculo, uma espécie de templo transportável que deveria ser conduzido pelo povo judeu através do deserto em sua caminhada rumo à terra prometida. No centro deste templo deveria ser colocada a Arca da Aliança em que deveriam ser guardadas as tábuas da Lei escritas e entregues a Moisés no alto do Monte Sinai.

Na longa descrição do tabernáculo e de seus utensílios, encontramos esta pequena passagem em que o Senhor explica a Moisés como deveria ser construída a Arca da Aliança:

***"Fazei uma  
arca de pau  
de cetim,  
cujo  
comprimento  
tenha dois  
côvados e  
meio, a  
largura de  
um côvado e  
meio, a  
altura  
igualmente  
de um  
côvado e  
meio.***

***Revesti-la-ás  
de ouro***

***puríssimo  
por dentro e  
por fora; e  
farás sobre  
ela uma  
coroa de  
ouro em  
roda; e farás  
quatro  
argolas de  
ouro, que  
porás nos  
quatro  
cantos da  
arca: duas  
argolas de  
um lado e  
duas do  
outro.***

***Farás  
também  
varais de  
pau de  
cetim, e os  
cobrirás de  
ouro, e os  
farás passar  
por dentro  
das argolas  
que estão ao  
lado da arca,  
a fim de que  
sirvam para  
a  
transportar.  
Estarão  
sempre  
metidos nas  
argolas, e  
nunca se  
tirarão  
delas. E***

**porás na  
arca o  
testemunho  
que eu hei  
de te dar.**

**Farás  
também o  
propiciatório  
de ouro  
puríssimo; o  
seu  
comprimento  
terá dois  
côvados e  
meio, e a  
largura um  
côvado e  
meio.**

**Farás  
também dois  
querubins  
de ouro  
batido nas  
duas  
extremidades  
do oráculo.  
Um  
querubim  
esteja de um  
lado, o outro  
do outro. E  
cubram  
ambos os  
lados do  
propiciatório,  
estendendo  
as asas e  
cobrindo o  
oráculo, e  
estejam  
olhando um**

**para outro  
com os  
rostos  
voltados  
para o  
propiciatório,  
com o qual  
deve estar  
coberta a  
arca, na qual  
porás o  
testemunho  
que eu hei  
de te dar.**

**De lá te  
darei as  
minhas  
ordens, em  
cima do  
propiciatório,  
e do meio  
dos dois  
querubins,  
que estarão  
sobre a arca  
do  
testemunho,  
e te direi  
todas as  
coisas que  
por meio de  
ti intimarei  
aos filhos de  
Israel".**

**Ex .  
25 ,  
10 -  
22**

**O sentido literal desta passagem é evidente: trata-se de um plano de construção, com especificações de medidas e materiais, para uma arca a ser colocada no centro de um templo.**

**Mas é bastante sabido que as coisas do Velho Testamento significam as do Novo, e, portanto, Ricardo de S. Vitor com razão se pergunta o que poderia significar esta arca com as minuciosas especificações que a acompanham. Em aproximadamente uma centena de páginas da Patrologia Latina de Migne (44), em um livro que até hoje é um dos clássicos da Teologia, Ricardo explica que a arca cujo modo de ser construído havia sido explicado a Moisés pelo próprio Deus significa a graça da contemplação:**

***"Que  
poderia  
significar  
este  
sacrário",***

**diz Ricardo,**

***"senão  
aquela  
melhor parte  
que Maria, a  
irmã de  
Marta,  
escolheu  
para si (Lc.  
10) ?***

***Este  
sacrário,  
portanto,  
significa a  
graça da  
contemplação  
que, pela sua  
dignidade,***

***ocupa no  
tabernáculo  
divino um  
lugar de  
preferência  
entre todas  
as  
coisas" (45).***

**Através dos detalhes da construção da Arca da Aliança Ricardo de S. Vitor passa em seguida a expor o caminho pelo qual o homem se forma na contemplação e, através dela, se eleva até Deus. Aquilo que parecia, à primeira vista, apenas um projeto de marcenaria e ouriversaria era, na realidade, uma das mais profundas lições de Teologia que a humanidade já tinha recebido do alto.**

**Estes exemplos mostram como para os santos padres, e de modo especialíssimo, para os vitorinos em particular, aquilo que se convencionou denominar de sentido alegórico e tropológico das Sagradas Escrituras não são fantasias inventadas por autores piedosos sobre o texto sagrado, mas são sentidos realmente intencionados pelo Espírito Santo ao ter inspirado as Escrituras e são também, freqüentemente, o seu sentido mais real e verdadeiro.**

## **Referências**

- (44) Ricardo de  
S. Vitor: De  
Gratia  
Contemplationis  
libri quinque,  
hactenus  
dictum  
Benjamin  
Major; PL 196,  
63-202.  
(45) Ibidem, L.  
I, C. 1; PL 196,  
64-5.**





## **8. O Estudo das Sagradas Escrituras, segundo Hugo de S. Vitor.**

**Segundo Hugo de S. Vitor, a leitura ou o estudo mais profundo das Sagradas Escrituras é aquele pelo qual pode-se apreender não apenas o significado das palavras, mas também investigar o significado das coisas a que se referem as palavras de seus livros, isto é, o sentido alegórico e tropológico neles contido.**

**Este modo de estudar as Escrituras, porém, não é para principiantes. Segundo Hugo afirma no VI do Didascalicon,**

***"Trata-se de uma  
investigação que  
exige inteligências  
já maduras,  
possuidoras de  
uma sutileza  
incapaz de perder a  
prudência no  
discernimento" (46).***

**Além da maturidade intelectual, esta investigação exige também santidade de vida, conforme está afirmado no mesmo VI do Didascalicon:**

***"Os homens  
santos,  
quanto mais  
progridem  
nas virtudes  
ou na  
ciência, tanto  
mais  
profundos  
vêm ser os  
arcãos das  
Sagradas  
Escrituras, e  
aquilo que***



*aos homens  
simples e  
ainda presos  
às coisas da  
terra  
parecem  
coisas  
desprezíveis,  
aos  
espirituais  
mais  
elevados  
parecem  
sublimes"(47).*

Ambas estas coisas, maturidade intelectual e santidade de vida, conforme já tivemos ocasião de observar anteriormente, não são senão uma outra versão dos requisitos gerais da espiritualidade vitorina, que busca contrapor-se às duas principais feridas causadas no homem pelo pecado, isto é, a ignorância do bem e o desejo do mal, pelo crescimento das virtudes tanto da inteligência como da vontade. O que aqui aflorou como maturidade intelectual e santidade de vida em outras passagens de Hugo aparece como amor e sabedoria, ciência e virtude, fé e caridade; de modo especial, no VII e último do Didascalicon, Hugo diz que a vida espiritual principia pelo dia do temor, progride pelo dia da verdade e só chega à maturidade quando ao dia da verdade se lhe acrescenta o dia do amor (48).

Mas o Didascalicon também nos oferece um elenco dos requisitos específicos necessários à investigação dos sentidos mais profundos das Escrituras.

Em primeiro lugar, é preciso conhecer bem o sentido literal das Sagradas Escrituras, isto é, toda a sua história, "do princípio ao fim" (49). Hugo não diz, mas é evidente que o subentende, que uma afirmação como esta não significa que se deva abrir a primeira página das Sagradas Escrituras e lê-la na seqüência até à última; qualquer pessoa que tenha tentado ler as Escrituras desta maneira sabe por experiência que deste modo não se

chega a lugar algum. Ao contrário, deve-se, sob a orientação de alguém que já as conhece, principiar pelas suas partes mais importantes, como os Evangelhos, e prosseguir com ordem, das mais importantes às menos importantes do ponto de vista do sentido literal.

A este estudo inicial das Escrituras deve-se seguir paralelamente a prática da vida cristã, sob pena do estudo não conduzir a nada. É o que nos diz Hugo no V do Didascalicon:

**"É  
necessário  
também que  
aquele que  
tiver iniciado  
este  
caminho  
procure  
aprender  
nos livros  
em que  
estudar não  
apenas pela  
beleza do  
fraseado,  
mas também  
pelo  
estímulo que  
eles  
oferecem à  
prática das  
virtudes, e  
de tal  
maneira que  
o estudante  
procure  
nelas não  
tanto a  
pomposidade  
ou a arte das  
palavras,  
mas a beleza  
da verdade.**

**Saiba  
também que  
não chegará  
ao seu  
propósito  
se, movido  
por um vão  
desejo da  
ciência, se  
dedicar de  
tal maneira  
apenas ao  
estudo que  
se veja  
obrigado a  
abandonar  
as boas  
obras" (50).**

Ademais, o estudante deve levar em conta que o fim último do estudo, na pedagogia dos vitorinos, é alcançar a vida contemplativa, à qual não se chega sem o auxílio da graça divina. É necessário, portanto, recorrer ao auxílio divino sem o qual o homem é enfermo e ineficiente, e isto se faz, continua o V do Didascalicon, através da oração:

**"É necessário,  
pois, levantar-  
se à oração, e  
pedir o seu  
auxílio, sem o  
qual nenhum  
bem pode ser  
feito; isto é, a  
sua graça a  
qual, antes  
que tivesses  
chegado até  
aqui para pedi-  
la, já te  
iluminava, e**

**daqui para a  
frente será  
quem haverá  
de dirigir os  
teus passos  
para o  
caminho da  
paz, e de cuja  
única boa  
vontade  
depende que  
sejas  
conduzido ao  
efeito da boa  
operação" (51).**

**Sobre a necessidade e o sentido da oração para a vida cristã em geral e para o estudo das coisas divinas em especial, Hugo de S. Vitor tem ainda uma outra passagem notável no opúsculo De Quinque Septenariis, em que ele tece um comentário a respeito dos sete dons do Espírito Santo, a mais elevada manifestação da graça divina no homem:**

**"Sobre  
os  
sete  
dons  
do  
Espírito  
Santo",**

**diz Hugo,**

**"está  
escrito no  
Evangelho:**

**`Se vós,  
sendo  
maus,  
sabeis dar  
coisas  
boas aos  
vossos  
filhos,  
quanto  
mais o  
vosso Pai  
que está  
nos céus  
dará o  
Espírito  
Santo aos  
que lho  
pedirem?'**

**Lc .**

**11**

**Portanto, o  
Pai celeste  
dará o  
Espírito  
Santo aos  
filhos que lho  
pedirem. Os  
que são  
filhos não  
pedem outra  
coisa; os que  
pedem outras  
coisas são  
servos e**

**mercenários,  
não filhos. Os  
que pedem  
prata, os que  
pedem ouro,  
os que  
pedem as  
coisas que  
passam, os  
que pedem o  
que não é  
eterno,  
pedem o  
ministério da  
servidão, não  
o espírito da  
liberdade. O  
que for  
pedido, isto  
será dado; se  
pedes o  
corporal, não  
receberás  
mais do que  
o que pedes.  
Se pedes o  
espiritual, o  
que pedes  
será  
concedido e  
o que não  
pedes será  
acrescentado;  
será dado o  
espiritual,  
será  
acrescentado  
o corporal.**

**`Buscai em  
primeiro  
lugar o Reino  
de Deus, e**

***tudo o resto  
vos será  
acrescentado'.***

**Mt .  
6**

***Deve-se,  
portanto, orar  
ao Pai, e ao  
Pai, que está  
nos céus,  
pedir os dons  
celestes, não  
os da terra;  
não a  
substância  
corporal, mas  
a graça  
espiritual" (52).***

**É desta maneira, pois, que pelo estudo, pela prática da vida cristã e pela oração, Hugo de S. Vitor quer que aos poucos se alcance o conhecimento do conteúdo literal ou histórico das Sagradas Escrituras.**

**Feito isto, porém, ainda não é chegada a hora de se passar à investigação do sentido alegórico e tropológico das Escrituras.**

***"É um  
alimento  
sólido",***

**diz o VI do Didascalicon,**

***"que não pode  
ser engolido se  
não for bem  
mastigado" (53).***

**Por isso, após ter alcançado o conhecimento da letra da Escritura, de ter progredido na virtude e na oração, Hugo diz que ainda é necessário dedicar-se ao estudo dos mistérios da fé. Os principais mistérios da fé a que Hugo se refere estão elencados no VI do Didascalicon: são o mistério da unidade e da trindade divinas, a criação das coisas visíveis e invisíveis, a graça e a queda do homem, a lei temporal e a lei divina, a encarnação do Verbo, os mistérios do Novo Testamento, a ressurreição e a vida eterna. "Este é aquele edifício espiritual", continua Hugo, "que deve ser construído e erguido" sobre os alicerces do conhecimento da letra das Escrituras antes que se possa passar ao seu estudo alegórico e tropológico (54). Se Santo Tomás estivesse lendo estas linhas, - provavelmente as leu ao ter passado por esta vida -, cremos que as aplaudiria de pé; talvez apenas comentasse que ao estudo da profundidade dos mistérios da fé deveria-se acrescentar também o da perfeição da vida cristã (55).**

**Quem quer que conheça, porém, um pouco deste assunto, ao chegar neste ponto da exposição de Hugo de S. Vitor, provavelmente há de perguntar de que modo Hugo procedia para que seus alunos obtivessem este conhecimento, uma vez que o Didascalicon foi escrito tendo em vista a orientação dos alunos que se dirigiam à escola do mosteiro de São Vitor e que, portanto, era um texto para aplicação imediata e não uma simples especulação pedagógica. Hoje em dia, para quem o deseje, o caminho é fácil e desimpedido: fora de qualquer dúvida, é a Summa Theologiae de S. Tomás de Aquino ao mesmo tempo o meio mais fácil e o mais profundo para se chegar a um conhecimento sólido do conjunto destes mistérios da fé, apresentados, ademais, de um modo manifestamente intencionado a favorecer e impulsionar a vida espiritual. Não é outro o motivo pelo qual a Igreja ainda hoje, no Código de Direito Canônico de 1983 prescreve aos alunos das Faculdades de Teologia que**



***"aprendam a  
penetrar mais  
intimamente o  
mistério da  
salvação  
tendo por  
mestre  
principalmente  
a Santo  
Tomás de  
Aquino" (56).***

Desta maneira, quando no VI do Didascalicon Hugo de S. Vitor indicava aos seus alunos que entre o estudo literal e a investigação dos sentidos alegórico e tropológico das Escrituras eles deveriam se dedicar ao estudo aprofundado do conjunto dos mistérios da fé, ele na realidade estava fazendo, com duzentos anos de antecedência, o primeiro esboço do conteúdo e do método da Summa Theologiae de S. Tomás de Aquino. Mas no início dos anos 1100 S. Tomás ainda não havia nascido, nem havia ainda Summa Theologiae, e o conhecimento que Hugo exigia de seus alunos só poderia ser encontrado amplamente disperso na vasta literatura dos santos padres. Pouco antes de Hugo ter chegado a São Vitor havia se iniciado naquele mosteiro a formação de uma biblioteca em que se encontrariam as principais obras dos santos padres, mas a simples justaposição destes livros não era uma solução. Tratava-se de um material extremamente vasto e apresentado de um modo bastante difícil para poder ser apreendido em forma de síntese. O estudante esbarraria com o problema da multiplicação das questões e argumentos sem interesse para seus propósitos imediatos, com os assuntos apresentados fora da ordem conveniente, e com a freqüente repetição dos temas, causando fastídio e confusão na alma dos leitores, conforme diria posteriormente S. Tomás no prólogo da Summa. Só havia uma solução para este problema, e foi assim que Hugo de S. Vitor escreveu a primeira Summa Theologiae da história, o De Sacramentis Fidei Christianae ou Os Mistérios da Fé Cristã, a primeira grande síntese teológica da Igreja Latina que deu início à seqüência das Summas que culminaria, dois séculos depois, na Summa de S. Tomás.

**A Summa de Tomás é obra manifestamente mais perfeita do que o De Sacramentis, mas esta não torna esta obra de Hugo coisa ultrapassada. Embora tenha sido a primeira Summa, o De Sacramentis é trabalho de grande maturidade; ele faz parte do número daquelas obras que não podem vir a se tornar obsoletas pela perfeição de nenhuma outra; ademais, no De Sacramentis encontram-se muitíssimas coisas de valor incomparável que em vão se procurariam tanto na Summa como em qualquer outro lugar.**

**No prólogo do De Sacramentis Hugo menciona já haver escrito a segunda parte do Didascalicon para orientar seus alunos no estudo literal das Sagradas Escrituras; agora, continua Hugo, ele pretende oferecer esta síntese ('quandam summam omnium') dos mistérios da fé para poder prepará-los e**

***"introduzί-los no segundo aprendizado das Sagradas Escrituras, que consiste em seu estudo alegόrico, pois se os estudantes nāo se estabelecerem primeiro no fundamento do conhecimento da fé, nāo permanecerāo ilesos naquilo que depois se lhes há de acrescentar" (57).***

**O que Hugo, porém, não escreveu neste prólogo era que, ao fazer isso, além de preparar seus alunos para um estudo mais profundo das Sagradas Escrituras, estava dando início à Escolástica e abria o caminho para que S. Tomás de Aquino**

**pudesse vir a realizar a sua obra.**

**Deste modo, os alunos que já conhecessem bem toda a letra das Escrituras, que já vivessem uma vida de virtude e de oração, e que já conhecessem a fundo os mistérios da fé sem alegorias, tais como se encontram no De Sacramentis ou na Summa Theologiae, Hugo os introduzia na investigação dos outros sentidos das Sagradas Escrituras.**

**Isto não significa, porém, que o objetivo de uma escola ou de uma escola de Teologia seja o estudo alegórico das Escrituras. Nossa exposição pode ter oferecido esta impressão porque, em vez de abordar todo o conjunto da pedagogia, nos restringimos apenas à questão do estudo das Sagradas Escrituras e nela a investigação do sentido alegórico vem por último. A investigação do sentido alegórico das Escrituras exige como requisitos uma vida de virtude e de oração, o desenvolvimento da contemplação, o conhecimento do sentido literal das Escrituras, dos mistérios da fé e da perfeição da vida cristã; isto não significa, porém, que a finalidade de tudo isto seja o conhecimento da alegoria das Escrituras. A finalidade de todas estas coisas é a vida contemplativa, com ou sem o conhecimento da alegoria das Escrituras. Se a investigação do seu sentido alegórico favorece a contemplação, conforme veremos a seguir, é porque ela é ocasião para a contemplação, não a causa que a produz. Não é a investigação da alegoria das Escrituras que produz a contemplação, mas o exercício das virtudes teologais, que, se existe, pode ser favorecido pela investigação da alegoria, mas, se não existe, não há Sagrada Escritura que possa suprir a sua ausência.**

**Referências**

**(46) Hugo S.**

**Vitor:**

**Didascalicon,**

**L. VI, C. 4;**

**PL 175, 802.**

**(47) Ibidem,**

**L. VI, C. 4;**

**PL 175, 804**

**c. (48)**

**Ibidem, L.**

**VII, C. 26; PL**

**175, 836.**

**(49) Ibidem,**

**L. VI, C. 3;**

**PL 175,**

**799b. (50)**

**Ibidem, L. V,**

**C. 7; PL 175,**

**795a. (51)**

**Ibidem, L. V,**

**C. 9; PL 175,**

**797c.**

**(52) Hugo S.**

**Vitor: De**

**Quinque**

**Septenariis**

**Opusculum,**

**C. V; PL 175,**

**410d.**

**(53) Idem:**

**Didascalicon,**

**L. VI, C. 4;**

**PL 175, 802.**

**(54) Ibidem,**

**L. VI, C. 4;**

**PL 175, 803.**

**(55) S.**

**Tomás de**

**Aquino:**

**Summa**

**Theologiae,**

**III, Q. 71, a. 4**

**ad 3.**

**(56) CIC  
1983, cânon  
252.  
(57) Hugo S.  
Vitor: De  
Sacramentis  
Fidei  
Christianae,  
Prologus;  
PL 176, 183.**





## **9. A Alegoria e a Tropologia nas Sagradas Escrituras.**

**Não obstante estas últimas observações, de tudo quanto dissemos podemos inferir a importância que Hugo de S. Vitor atribuía ao sentido alegórico das Escrituras, colocando-o acima do sentido literal, uma afirmação que ele compartilha com a maioria dos santos padres. Mas a ordem da apreciação atualmente parece ter-se invertido, pois dá-se muita atenção para o sentido literal e pouco ou muito pouca para o alegórico e tropológico.**

**Negar a realidade do sentido alegórico nas Sagradas Escrituras é impossível, porque as mesmas Escrituras afirmam o contrário claramente e diversas vezes. Na Epístola aos Hebreus, por exemplo, está escrito que os sacerdotes judeus celebravam um culto cujas prescrições eram**

***"imagem  
e  
sombra  
das  
coisas  
celestes".***

**Heb  
8,5**

**Mais adiante, a mesma epístola reafirma o mesmo mais claramente:**

**"A primeira  
(aliança)  
teve  
regulamentos  
relativos ao  
culto e a um  
santuário  
terrestre.**

**Moisés  
tomou o  
sangue dos  
bezerros e  
dos bodes e  
espargiu  
com sangue  
o  
tabernáculo  
e todos os  
vasos do  
ministério.**

**Era  
necessário  
que as  
figuras das  
coisas  
celestiais  
fossem  
purificadas  
com tais  
coisas, mas  
(que) as  
próprias  
coisas  
celestes o  
fossem por  
meio de  
vítimas  
melhores do  
que estas.  
Jesus, de  
fato, não  
entrou num**

**santuário  
feito por  
mãos de  
homem, (que  
era uma)  
figura do  
verdadeiro,  
mas entrou  
no mesmo  
céu, para se  
apresentar  
diante de  
Deus por  
nós."**

**Heb.  
9, 1;  
19-  
24**

**Da mesma forma, o livro dos Números narra um milagre ocorrido no deserto do Sinai pelo qual de uma rocha, percutida pelo cajado de Moisés, jorrou água puríssima para saciar a sede do povo judeu. A este respeito diz S. Paulo na Primeira Epístola aos Coríntios:**

**"Nosso pais  
atravessaram  
o Mar  
(Vermelho),  
comeram do  
mesmo  
alimento  
espiritual e  
beberam da  
mesma  
bebida  
espiritual,  
porque  
bebiam da**



**pedra  
espiritual  
que os  
seguia, e  
esta pedra  
era o  
Cristo".**

**I  
Cor .  
10 ,  
1-4**

**Mais claramente lemos na Epístola aos Gálatas que:**

**"Está  
escrito que  
Abraão teve  
dois filhos:  
um da  
escrava e  
outro da  
livre. Mas o  
da escrava  
nasceu  
segundo a  
carne; e o  
da livre, em  
virtude da  
promessa.  
Estas  
coisas  
foram ditas  
por  
alegoria.  
Porque  
estas duas  
(mulheres)  
são os dois  
testamentos.**

***Um, o do  
monte  
Sinai, gera  
a  
escravidão,  
e este é  
figurado em  
Agar,  
porque  
Sinai é um  
monte da  
Arábia, o  
qual  
corresponde  
à Jerusalém  
aqui  
debaixo, a  
qual é  
escrava  
com seus  
filhos. Mas  
aquela  
Jerusalém,  
que é do  
alto, é livre  
e é nossa  
mãe".***

**Ga1 .  
4 ,  
22 -  
26**

**Outros exemplos poderiam ser citados, pelos quais se torna impossível negar a realidade do sentido alegórico nas Sagradas Escrituras. Não obstante isso, não são poucas os estudiosos modernos que têm se concentrado quase que exclusivamente no sentido literal das Escrituras, demonstrando, por isto e pelo modo com que abordam o tema dos demais sentidos, uma nítida dificuldade em compreender sua natureza. Esta priorização**

exagerada do sentido literal está certamente relacionada, por sua vez, com a dificuldade de compreender a natureza da vida espiritual que tomou conta do mundo moderno. Onde esta não existe, ou quase não existe, o sentido alegórico contido nas Escrituras, justamente denominado por Hugo de São Vitor de sentido espiritual, deixa, por assim dizer, de fazer sentido. No V do Didascalicon Hugo compara as Sagradas Escrituras aos instrumentos musicais, em que a madeira, que é o sentido literal, existe para dar maior sonoridade às vibrações das cordas, que são o alegórico; toda a Sagrada Escritura, diz Hugo, é como um instrumento musical em que as várias partes estão interligadas entre si para produzirem "a suavidade da inteligência das cordas espirituais" (58). Mas se a ciência e a virtude definham, conclui Hugo (59), as pessoas,

*"julgando  
não haver  
nas  
Escrituras  
nada de mais  
sutil em que  
possam  
exercitar a  
sua  
inteligência,  
apenas se  
ocupam com  
os escritos  
dos  
apóstolos,  
pois, de fato,  
nada mais  
conseguem  
apreender ali  
senão a  
superfície da  
letra,  
ignorando a  
força da  
verdade" (60).*

**Contribuiu também para esta inversão a influência exercida no ensino da Teologia pelos quatro Livros das Sentenças de Pedro Lombardo desde o século XIII até a Renascença e pela obra de S. Tomás de Aquino a partir desta época, embora sem que esta tenha sido a intenção destes autores.**

**Os Livros das Sentenças, de fato, são uma exposição da doutrina cristã que não se utiliza senão do sentido literal; quanto a S. Tomás, é bem sabido como no início da Summa Theologiae ele próprio anuncia de modo explícito que ao escrever esta obra pretende basear-se inteiramente sobre o sentido literal. Ora numa época, ora noutra, os Livros das Sentenças e a Summa Theologiae têm servido de iniciação teológica aos estudantes da Ciência Sagrada, e não é infreqüente que os que as estudam tenham sido imperceptivelmente levados a supor, por errônea interpretação, que para estes autores os demais sentidos das Escrituras fossem supérfluos e que eles estavam na verdade se antecipando aos tempos modernos em que as pessoas realmente têm dificuldade em entender tanto a razão como a legitimidade de tais sentidos.**

**Como se fosse para confirmar esta impossível interpretação, S. Tomás escreveu ainda o seguinte na questão introdutória da Summa:**

***"Todos os  
sentidos se  
fundamentam  
sobre um só, a  
saber, no  
sentido literal;  
somente sobre  
o literal,  
porém, pode-  
se  
fundamentar  
uma  
argumentação,  
e não sobre o  
que é dito  
segundo a  
alegoria,***

***conforme  
reconhece o  
próprio S.  
Agostinho na  
sua epístola  
contra Vicente  
Donatista.  
Todavia, com  
isto nada  
perdemos do  
que está  
contido na  
Sagrada  
Escritura, pois  
nada do que é  
necessário à fé  
está contido  
sob o sentido  
espiritual que a  
Sagrada  
Escritura não  
trate  
manifestamente  
pelo sentido  
literal em  
alguma outra  
passagem" (61).***

À primeira vista tais palavras mais parecem uma maneira elegante de reduzir a nada a importância do sentido alegórico, o que seria verdade se a Summa Theologiae pretendesse ser o mesmo que a totalidade da Ciência Sagrada. Estas mesmas palavras, porém, consideradas dentro de um contexto mais amplo, se revestem de outra significação. Segundo esta, se S. Tomás descartou o uso do sentido alegórico na Summa, fêz isto apenas por uma questão de método, pois uma obra concebida tal como o foi a Summa Theologiae é incompatível com a utilização de outro sentido que não o literal.

Que isto tenha sido apenas uma questão de método mostra-o também o exemplo do próprio Hugo de S. Vitor, o qual, não

**obstante utilizar-se abundantemente da exposição alegórica em quase todos os seus escritos, ao redigir o De Sacramentis, uma obra que tem uma estrutura muito semelhante à Summa de S. Tomás, baseou-se, assim como Tomás, inteiramente no sentido literal. Ricardo de S. Vitor, que se utiliza mais ainda do que Hugo da interpretação alegórica das Sagradas Escrituras, redigiu, entretanto, um tratado sobre a Trindade ao modo da Summa, em que também dispensou a interpretação alegórica e se utilizou apenas do sentido literal. E Ricardo não podia ter deixado de fazer isto, sem que tivesse mudado o objetivo que o levava a escrever, assim como também poderia ter acrescentado, com S. Tomás, que ao basear-se no sentido literal com isto nada perdia dos ensinamentos contidos nas Sagradas Escrituras, pois tudo o que ela ensina em uma passagem sob o sentido alegórico também tornará a ensiná-lo em alguma outra pelo sentido literal.**

**Mas, se é assim, deve-se agora explicar por que razão então os vitorinos, que deram provas tão claras de serem, capazes de escrever ao modo da Summa de S. Tomás, insistem tanto em fazer uso do sentido alegórico.**

**Aqueles que estão acostumados ao estilo da Summa, ou a outras obras que neste ponto lhe seguem o método, ao depararem com o De Sacramentis de Hugo ou o De Trinitate de Ricardo se verão, certamente, percorrendo um terreno já familiar. Se passarem, porém, a muitas das demais obras de ambos os vitorinos, como o Benjamin Minor e o Benjamin Major de Ricardo, a estranheza será inevitável. Nota-se em obras como estas que um extenso raciocínio fundamentado na interpretação alegórica das Escrituras, aparentemente de todo supérfluo, conduz a verdades que poderiam ser mostradas sem necessidade de semelhantes recursos. É-se tentado a percorrer a exposição dos autores apenas para poder chegar às conclusões, alcançadas as quais esquece-se o caminho percorrido e procura-se transformar aquelas verdades em linguagem fundamentada em sentido literal. Mas a estranha insistência com que os autores tornam e retornam a re-utilizar o discurso fundamentado no sentido alegórico em textos que não são peças de arte oratória, mas tratados de Teologia, passa aos poucos a gerar uma desconfiança de que tal recurso não pode estar ali superfluamente, por simples circunstancialidade ou preferência estética. Não é difícil daí passar para a percepção de que está-se lidando com uma outra via, um outro canal pelo qual**

se pode transmitir ao espírito determinadas verdades que, ainda que possam ser apresentadas de uma outra forma, os vitorinos se servem dela porque afirmam ser a mais profunda.

Santo Tomás também parece ter entendido que este modo de exposição devesse ser incluído entre as coisas divinas, ao atribuir esta forma de veiculação da verdade a Deus, quando afirma, numa passagem que já citamos,

*"estar em  
poder de  
Deus  
acomodar  
não apenas  
as palavras  
aos  
significados,  
o que  
também o  
homem  
pode fazer,  
mas  
também as  
próprias  
coisas".*

Para entender a razão da profundidade atribuída pelos vitorinos ao sentido alegórico onde poderia muito bem ser usado o sentido literal, devemos recordar a doutrina geral ensinada por Hugo de S. Vitor a este respeito. Antes de dedicar-se ao estudo alegórico das Escrituras, Hugo exige que o estudante conheça completamente o sentido literal das Sagradas Escrituras, o qual, segundo S. Tomás, já contém toda a verdade da fé. Não pode ser, portanto, para conhecer alguma verdade nova e mais profunda que Hugo quer que o estudante se dedique ao estudo da alegoria. Mais ainda, Hugo quer que, antes do estudo alegórico das Escrituras, o discípulo se dedique ao estudo literal dos mistérios da fé, algo que na verdade já não pode ser realizado perfeitamente senão pela contemplação, aquela operação da inteligência que, segundo ele,

***"abarca em  
uma visão  
plenamente  
manifesta a  
compreensão  
de muitas ou  
também de  
todas as  
coisas".***

**A contemplação é, ademais, o objetivo último da pedagogia vitorina e, se já o estudo do De Sacramentis ou da Summa Theologiae está relacionado com ela, com mais razão o estudo alegórico das Escrituras que, no entender dos vitorinos, o pressupõe, terá que estar também relacionado com a contemplação.**

**Pois, de fato, no uso do sentido literal cada palavra é associada ao seu significado por uma convenção imediata; mas na investigação do sentido alegórico cada coisa pode significar, em princípio, uma multidão de outras, dependendo da similaridade que os aspectos de umas tenham com os das outras. Não é possível, portanto, identificar o significado alegórico se não se conhece primeiramente todo o conjunto do literal e se não se emprega, na investigação de um sentido alegórico em particular, aquela "visão plenamente manifesta de todas as coisas" que só é possível pela contemplação.**

**Conclui-se daqui não ser possível uma verdadeira investigação do sentido alegórico das Escrituras sem o uso das virtudes contemplativas as quais exigem, segundo Hugo, além do estudo, também a virtude e o auxílio da graça que vem através da oração, sendo por este motivo que este sentido é também chamado por ele de sentido espiritual. Desta maneira, a importância que a pedagogia dos vitorinos atribui à investigação do sentido alegórico das Escrituras provém diretamente de seu objetivo maior que é a de introduzir o aluno na vida contemplativa, a qual, segundo afirma o Cristo no Evangelho de S. Lucas, é "aquela melhor parte" escolhida por Maria (Lc. 10, 42).**



## Referências

**(58) Idem:  
Didascalicon,  
L. V, C. 2; PL  
175, 789.**

**(59) Hugo se  
refere aos  
"menos  
doutos",  
mas não se  
pode  
esquecer  
que para ele  
ciência e  
virtude  
caminham  
juntos.**

**(60) Hugo S.  
Vitor:  
Didascalicon,  
L. V, C. 3; PL  
175, 790-1.**

**(61) S.  
Tomás de  
Aquino:  
Summa  
Theologiae,  
I, Q. I, a.10  
ad 1.**





## **10. A presente tradução.**

O leitor encontrará neste livro, além desta introdução, quatro textos de Hugo de S. Vitor relacionados com o tema das Sagradas Escrituras. Todos foram traduzidos diretamente do original latino tal como se encontra na Patrologia de Migne, embora nenhum deles abranja o original completo, pelas razões que serão apresentadas a seguir.

O primeiro texto, "Anotações Prévias ao Estudo das Sagradas Escrituras", foi traduzido do pequeno opúsculo com que se iniciam as obras de Hugo no volume 175 da Patrologia Latina (62). O segundo texto, "O Estudo das Sagradas Escrituras", provém dos livros IV, V e VI do Didascalicon. As Praenotatiunculae são uma pequena introdução geral às Sagradas Escrituras; já o Didascalicon foi uma obra concebida para ser um guia de estudos para os alunos da escola organizada por Hugo no mosteiro de São Vitor. Dividido em sete livros, nos três primeiros o Didascalicon contém uma orientação a respeito dos estudos que hoje seriam chamados de profanos; os três seguintes orientam acerca do estudo das Sagradas Escrituras, e o sétimo e último procura dar ao aluno um vislumbre do que é a contemplação. Ao redigir os livros IV, V e VI do Didascalicon Hugo se serviu do opúsculo precedente sobre as Escrituras e ampliou seu conteúdo para fazer uma introdução não mais apenas às Sagradas Escrituras, mas também ao seu estudo.

Tanto das Praenotatiunculae como dos livros intermediários do Didascalicon não fizemos uma tradução integral do texto porque os originais se ocupam com um número muito grande de questões que podem ser consideradas paralelas ou secundárias diante da importância que as idéias ressaltadas neste livro se revestem para o leitor de hoje, que talvez possa estar tomando conhecimento delas pela primeira vez. O número verdadeiramente abundante destas questões paralelas contidas no Didascalicon diante destas questões centrais é tal que tem confundido até mesmo muitos peritos no assunto, e é este um dos motivos porque, em vez do Didascalicon ter atraído nos tempos modernos a atenção dos estudantes da Ciência Sagrada, tem sido mais objeto de consideração dos estudiosos

da História e da História da Educação, que freqüentemente o têm abordado mais do ponto de vista de uma fonte documental para o conhecimento do ensino da época do que como um texto onde é possível buscar ensinamentos de valor perene como o são as Sagradas Escrituras ou os escritos dos grandes filósofos e teólogos de todas as épocas como Platão, Aristóteles, Tomás de Aquino e tantos outros, incluindo os próprios vitorinos em suas demais obras.

O terceiro e o quarto texto deste livro se baseiam no Comentário de Hugo de S. Vitor ao livro do profeta Joel, um dos doze profetas menores do Antigo Testamento. Novamente não só não apresentamos uma versão integral, como inclusive neste caso mudamos sua forma exterior de apresentação, por se tratar de uma obra de difícil leitura, pelo seu tamanho diante da brevidade do texto do Profeta (63), pelo estilo de redação em que o autor talvez se tenha preocupado mais com o conteúdo do que em produzir uma leitura agradável, e também porque a maioria dos leitores não terá familiaridade com o próprio texto do profeta Joel, uma condição geralmente indispensável para se poder apreciar os bons comentários. Por este motivo, em vez de apresentar a tradução integral do texto de Hugo de S. Vitor, aproveitamos aproximadamente um quinto do seu conteúdo para montar uma série de notas de rodapé ao livro de Joel com base no Comentário de Hugo. Todas estas notas de rodapé, com exceção de uns poucos textos entre parênteses, são traduções de passagens do Comentário de Hugo tal como foram escritos pelo autor. No terceiro dos textos de Hugo contidos neste livro temos o texto da Vulgata Latina da profecia de Joel, a versão lida e utilizada por Hugo, anotada segundo o seu comentário literal e alegórico, e no quarto temos novamente o texto da segunda parte desta profecia, agora anotada segundo o comentário tropológico ou moral de Hugo de S. Vitor.

Antes de terminar a presente introdução, após termos falado de Hugo de S. Vitor e de sua obra, resta-nos dizer ainda algumas poucas palavras a respeito do profeta Joel e de sua profecia para aqueles que porventura não o conheçam.

## Referências

**(62) Hugo S.  
Vitor:  
Praenotatiunculae  
de Scriptoris et  
Scriptoribus  
Sacris; PL 175, 9-  
28.**

**(63) Hugo S.  
Vitor:  
Adnotatiunculae  
Elucidatoriae in  
Joelem  
Prophetam; PL  
175, 321-372.**





## **11. O Profeta Joel e seu Livro.**

Na Vulgata Latina o profeta Joel ocupa o segundo lugar entre os doze profetas menores. Nada se sabe a respeito de sua vida, exceto o pouquíssimo que nos é relatado em seu próprio livro ou que indiretamente pode-se conjecturar a partir dele. É difícil inclusive precisar a época em que viveu, embora os comentadores antigos, e entre eles, S. Jerônimo, julguem que Joel deva ter vivido na Judéia antes do exílio da Babilônia, provavelmente na mesma época em que viveu Oséias (64).

Para entender os fatos relacionados com a profecia de Joel, precisamos voltar no tempo até alguns séculos antes de sua época. Por volta do ano 2000 AC Deus manifestou-se a Abraão, homem idoso, sem filhos e casado com uma mulher estéril, prometendo-lhe dar-lhe numerosa descendência, da qual um dia nasceria Jesus, por quem seriam abençoadas todas as nações da terra. Pouco tempo depois desta promessa, Sara, esposa de Abraão, não obstante sua já avançada idade, dava à luz seu filho primogênito Isaac. Anos mais tarde, entre 2000 e 1500 AC, quando Abraão já havia passado desta vida e sua descendência, aquela que viria a ser posteriormente o povo judeu, ainda era apenas a família já numerosa de seu neto Jacó, resolveu este emigrar para o Egito devido a uma fome que havia se abatido sobre quase todo o mundo conhecido da época. A família de Jacó foi bem recebida no Egito e fixou residência na terra de Gessen, próximo à foz do Rio Nilo.

Durante cerca de 400 anos os descendentes de Jacó se multiplicaram na terra de Gessen e se tornaram um povo numeroso, conforme a promessa que havia sido feita por Deus a Abraão muitos anos antes. Seu número aumentou tanto a ponto de assustar o Faraó que governava o Egito; resolveu então este, por causa de seus temores, escravizar o povo judeu, obrigando-o a trabalhos forçados. Esta situação durou até que Moisés, conforme narram as Sagradas Escrituras no livro do Êxodo, após os prodígios das dez pragas e da passagem pelo Mar Vermelho, libertou seu povo do jugo egípcio e o conduziu através do deserto, primeiro até o Monte Sinai onde foram recebidas as tábuas da Lei, depois até à terra de Canaã, na atual Palestina ou terra de Israel, onde os judeus fixaram sua morada

**definitiva.**

**Durante muito tempo o povo judeu ocupou a terra de Canaã sem necessidade de ser governado por reis, guiado apenas pelas leis de Moisés e pela sabedoria de Juizes e Profetas. Por volta do ano 1000 AC, entretanto, resolveram coroar seu primeiro monarca. Saul era seu nome, sucedido, após a sua morte, pelo rei Davi, sucedido por sua vez pelo seu filho Salomão.**

**No reinado do sucessor de Salomão uma revolta fêz com que o povo judeu se dividisse em dois reinos, Israel ao norte e Judá ao sul. Em ambos surgiu grande número de profetas denunciando a desobediência do povo aos mandamentos da Lei Mosaica e anunciando a iminência de um castigo caso Israel e Judá não produzissem frutos de arrependimento. Tal como fora anunciado muitas e repetidas vezes, no ano 721 AC os soldados assírios invadiram o Reino de Israel e deportaram seus habitantes para a Assíria. No ano 587 AC chegou a vez do Reino de Judá, quando as tropas da Babilônia tomaram a cidade de Jerusalém e deportaram seus habitantes para uma terra que já não era deles. O Reino de Israel nunca mais voltaria a existir; quanto ao Reino de Judá, após 70 anos de cativo em terras da Babilônia, pôde assistir à conquista de seus senhores babilônios pelos persas, oportunidade em que o novo soberano, o Rei Ciro dos persas, concedeu-lhes a liberdade de retornarem a Jerusalém, reconstruírem a sua pátria e restaurarem o seu culto. Dali a menos de seis séculos, já sob o jugo dos romanos, mas em sua própria terra, Jesus nasceria em Belém de Judá.**

**Em rapidíssimas pinceladas, esta é a história do povo judeu tal como é narrada no Antigo Testamento. Após onze breves capítulos em que as Sagradas Escrituras descrevem a criação do mundo e algumas histórias referentes aos seus primeiros habitantes, a partir do décimo segundo capítulo do Gênesis, em que nos é relatado o chamamento do patriarca Abraão, até o fim do Antigo Testamento, os ensinamentos contidos nas Sagradas Escrituras se sucedem ao longo da história que acabamos de resumir.**

**Nesta seqüência, o profeta Joel se situa, segundo os antigos comentadores cristãos, provavelmente na época em que, depois do faustoso reinado de Salomão, o povo judeu havia se dividido em dois, e antes do Reino do sul ser conquistado pelos**

**Babilônios. Se seguirmos a opinião de S. Jerônimo, que supõe ter ele vivido na mesma época do profeta Oséias, que pode ser datado com mais precisão, Joel deve ter vivido no Reino de Judá na época em que o Reino de Israel era conquistado e deportado pelos assírios.**

**A curta profecia de Joel é dividida em três capítulos, e nestes três capítulos se distinguem nitidamente duas partes.**

**A primeira anuncia uma terrível devastação da terra de Canaã por quatro hordas sucessivas de quatro espécies de gafanhotos, uma mais voraz do que a outra, na Vulgata designadas pelos nomes latinos de `eruca', `locusta', `bruchus' e `rubigo', vertidos ao português na tradução do Pe. Matos Soares como lagarta, gafanhoto, brugo e ferrugem, respectivamente.**

**Segundo a interpretação de S. Jerônimo (65) e de Hugo de S. Vitor (66) estas quatro hordas sucessivas de gafanhotos anunciadas por Joel são na verdade as hordas dos soldados assírios, babilônios e dos outros povos que se lhes seguiram oprimindo a nação judaica.**

**O profeta conclui esta primeira parte de sua profecia com uma exortação ao povo judeu para que se converta ao Senhor:**

***"Rasgai  
os  
vossos  
corações  
e não os  
vossos  
vestidos",***

**diz o profeta,**

**"e  
convertei-  
vos ao  
Senhor  
vosso  
Deus,  
porque Ele  
é benigno e  
compassivo,  
e inclinado  
a  
suspender  
o castigo.  
Quem sabe  
se Ele  
quererá  
voltar-se  
para vós e  
perdoar-vos  
e deixar  
após si uma  
bênção?"**

**Joel  
2,  
13-  
14**

**O povo, porém, não se converteu. O castigo para o qual o profeta advertia não tardou a vir.**

**Não obstante isso, a segunda parte da profecia se inicia anunciando o perdão de Deus ao povo judeu; não se trata da suspensão dos castigos anunciados avisados pelo profeta, suspensão que de fato não ocorreu, mas de algo que viria a ocorrer num futuro mais distante:**



**"O  
Senhor  
olhou  
com  
amor  
ardente  
a sua  
terra, e  
perdoou  
o seu  
povo".**

**Joel  
2,  
18**

**Com estas palavras se inicia a segunda parte da profecia. Logo em seguida o profeta acrescenta:**

**"Eu vos  
recompensarei",**

**diz o Senhor,**

**"dos  
anos  
cujos  
frutos  
comeu o  
gafanhoto,  
o brugo,  
a  
ferrugem  
e a  
lagarta,  
este  
poderoso  
exército**

**que  
mandei  
contra  
vós".**

**Joel  
2,  
25**

**Surge então a passagem mais conhecida da profecia de Joel,  
porque comentada por São Pedro por ocasião da descida do  
Espírito Santo sobre os apóstolos no dia de Pentecostes:**

**"Depois  
disto",**

**continua o Senhor pela boca do profeta Joel,**

**"acontecerá  
que  
derramarei  
o meu  
Espírito  
sobre toda  
a carne; os  
vossos  
filhos e as  
vossas  
filhas  
profetizarão;  
os vossos  
velhos  
serão  
instruídos  
por sonhos,  
e os vossos  
jovens  
terão**

**visões.  
Derramarei  
também  
naqueles  
dias o meu  
Espírito  
sobre os  
meus  
servos e as  
minhas  
servas.**

**E farei  
aparecer  
prodígios  
no céu e na  
terra,  
sangue e  
fogo, e  
turbilhões  
de fumo.**

**O Sol  
converter-  
se-á em  
trevas, e a  
Lua em  
sangue,  
antes que  
venha o  
grande e  
terrível dia  
do Senhor.**

**E  
acontecerá  
que todo o  
que invocar  
o nome do  
Senhor  
será salvo".**

Joel

2,

28-

32

**Conforme narrado nos Atos dos Apóstolos, no dia de Pentecostes os apóstolos e mais outros discípulos de Cristo estavam reunidos em oração no Cenáculo. "De repente", dizem os Atos, "veio do céu um ruído semelhante ao soprar de um impetuoso vendaval e encheu toda a casa onde se achavam; e apareceram umas como línguas de fogo, que se distribuíram e foram pousar sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito os impelia que falassem" (At. 2,2-4). "Achavam-se então em Jerusalém homens piedosos de todas as nações que há debaixo do céu. Ao se produzir o ruído, a multidão se reuniu e estava confusa, pois cada qual os ouvia falar em sua própria língua. Estupefatos e surpresos, estavam todos assombrados e perplexos, dizendo entre si: `Que vem a ser isto?'" (At. 2,5-7; 2,12). Pedro então se levanta e lhes diz:**

***"Homens da  
Judéia e  
habitantes  
todos de  
Jerusalém,  
prestai  
ouvidos às  
minhas  
palavras.  
(Hoje) se  
realiza a  
palavra do  
profeta  
Joel:***

***`Sucederá  
nos últimos  
dias, diz o  
Senhor, que  
derramarei***

**o meu  
Espírito  
sobre toda  
a carne.**

**Vosso  
filhos e  
vossas  
filhas hão  
de  
profetizar,  
vossos  
jovens  
terão  
visões, e  
vossos  
velhos hão  
de ter  
sonhos. Em  
verdade,  
sobre meus  
servos e  
sobre  
minhas  
servas  
derramarei  
o meu  
Espírito.**

**E farei  
prodígios  
em cima no  
céu, e  
sinais  
embaixo na  
terra. O Sol  
se  
transformará  
em trevas e  
a lua em  
sangue,  
antes que  
venha o dia**

***do Senhor,  
o grandioso  
dia. E todo  
aquele que  
invocar o  
nome do  
Senhor será  
salvo'.***

**At .  
2 ,  
14 -  
21**

**Depois desta passagem Joel fala de um dia e um tempo em que Deus "juntará todas as gentes e as conduzirá ao vale de Josafá" para um julgamento (Joel 3, 2). Josafá é um nome hebraico que significa "Julgamento do Senhor". Assim se expressa o profeta:**

***"Publicai  
isto  
entre as  
nações",***

**diz o Senhor por meio de Joel,**

***"preparai-  
vos para a  
guerra,  
animai os  
valentes,  
ponham-  
se em  
marcha  
todos os  
homens  
de guerra.  
Forjai***

**espadas  
das relhas  
de vossos  
arados, e  
lanças de  
ferro com  
vossos  
enxadões".**

Joel  
9,  
10

**"Levantem-  
se as  
nações e  
vão ao  
vale de  
Josafá;  
porque ali  
me  
sentarei  
para julgar  
todas as  
nações em  
circuito.  
Meti as  
foices ao  
trigo,  
porque já  
está  
madura a  
messe".**

Joel

3,

12-

13

**Finalmente, Joel conclui a profecia:**

***"E  
acontecerá  
naquele  
dia que os  
montes  
destilarão  
doçura, e  
os  
outeiros  
manarão  
leite, e as  
águas  
correrão  
em todos  
os  
regatos  
de Judá; e  
da casa  
do Senhor  
sairá uma  
fonte que  
regará a  
torrente  
dos  
espinhos".***

Joel

3,

18



**"A Judéia  
será  
habitada  
eternamente,  
e Jerusalém  
de geração  
em geração;  
e eu lavarei  
o seu  
sangue, que  
eu não tinha  
ainda  
lavado, e o  
Senhor  
habitará  
para  
sempre em  
Sião".**

Joel  
3,  
20-  
1

**Com esta passagem encerra-se a profecia de Joel. Passamos agora a palavra a Hugo de S. Vitor.**

**Referências**

**(64) S.Jerônimo:  
Commentariorum  
in Joelem  
Prophetam Liber  
Unus, C. 1; PL  
25, 950.**

**(65) Ibidem; PL  
25, 951-D.**

**(66) Hugo S.  
Vitor:  
Adnotatiunculae  
Elucidatoriae in  
Joelem  
Prophetam; PL  
175, 323.**





**Hugo de São Vitor**

**ANOTAÇÕES PRÉVIAS AO ESTUDO  
DAS SAGRADAS ESCRITURAS**

**"Praenotatiunculae de Scripturis  
et Scriptoribus Sacris"**

**- PL 175, 9-28 -**

***1. Distintividade das Escrituras a serem consideradas Sagradas.***

O leitor das Sagradas Escrituras deverá aprender primeiramente como reconhecer quais são as Escrituras que devem ser dignamente honradas com o nome de Sagradas. Pois, de fato, alguns dos que ensinaram pelo espírito deste mundo deixaram escrito muitas coisas. A Lógica, a Matemática e a Física ensinam verdades, mas não são capazes de alcançar aquela verdade na qual se encontra a salvação da alma, sem a qual será inútil alcançar todas as demais verdades. Os filósofos pagãos também escreveram tratados sobre Ética, nos quais descreveram alguns membros das virtudes, truncados, porém, do corpo da bondade, pois os membros das virtudes não podem ter vida sem o corpo da caridade divina. Todas as virtudes formam um só corpo, cuja cabeça é a caridade, e os membros do corpo não podem viver se não são sensificados pela cabeça. Os escritos, pois, em que não é possível encontrar a verdade sem contaminação de erro, nem são capazes de restaurar a alma conduzindo-a ao verdadeiro conhecimento de Deus e ao amor, não são dignos de serem considerados sagrados. Somente são corretamente chamados de sagrados aqueles escritores que foram inspirados pelo Espírito de Deus e que, administrados por aqueles que falaram pelo Espírito de Deus, tornam o homem divino, restaurando-o à semelhança de Deus, instruindo-o ao seu conhecimento e exortando-o ao seu amor. Nestas Escrituras tudo o que é ensinado é a verdade; tudo o que é preceituado é a bondade; tudo o que é prometido é a felicidade. Pois Deus é verdade sem falácia, bondade sem malícia, felicidade sem miséria.

**Se queres, pois, distinguir as Escrituras Sagradas das demais que não merecem este nome, distingue primeiro e considera diligentemente por uma reta consideração a própria matéria a respeito da qual e na qual versa a sua abordagem (1).**

**Duas são as obras de Deus nas quais se resume tudo o que foi feito. A primeira é a obra da criação, pela qual foram feitas as coisas que não existiam; a segunda é a obra da restauração, pela qual foram refeitas as coisas que haviam perecido. A obra da criação consiste na criação das coisas do mundo com todos os seus elementos. A obra da restauração é a Encarnação do Verbo com todos os seus mistérios, seja aqueles que o precederam desde o início dos séculos, seja aqueles que o seguiram até o fim do mundo.**

**A matéria das Sagradas Escrituras deve ser considerada também quanto a esta divisão; isto é, debes considerar aquilo de que tratam e o modo com que o tratam, para que pela matéria e pelo modo possas distingüi-las do restante dos demais livros que se escrevem. De fato, a matéria de todos os demais livros consiste nas obras da criação, enquanto que a matéria das Sagradas Escrituras consiste na obra da restauração. Esta é a primeira distinção a ser feita quanto à matéria de que tratam os livros e as escrituras diversas.**

**Além disto, os demais livros, se ensinam alguma verdade, não o fazem sem o contágio do erro; se parecem recomendar alguma bondade, ou ela vem mesclada com a malícia, de modo a não ser pura, ou pelo menos é sem o conhecimento e o amor de Deus, de modo a não ser perfeita (2).**





## **2. Os três sentidos das Sagradas Escrituras.**

**As Sagradas Escrituras se interpretam segundo três modos de entendimento.**

**A primeira interpretação é a histórica, na qual se considera a primeira significação das palavras em relação às próprias coisas sobre as quais são ditas.**

**As Sagradas Escrituras, porém, possuem uma propriedade que as diferencia dos demais livros, porque aquilo que nelas é significado em primeiro lugar pelas palavras são, por sua vez, como que tantas outras palavras que nos são propostas para a significação de outras coisas.**

**História vem da palavra grega `historeo', que significa vejo e narro. Neste sentido é que se deve entender própria e estritamente o termo história; costuma, porém, esta palavra ser tomada num sentido mais amplo de modo a designar o sentido que em primeiro lugar relaciona as palavras com as coisas. Além dela, porém, existe também a significação alegórica.**

**A alegoria consiste em que aquilo que é proposto pela significação da letra significa também alguma outra coisa tanto no passado, como no presente ou no futuro. O termo alegoria soa como discurso alheio, porque é dita uma coisa mas significada outra.**

**Subdivide-se a alegoria em simples alegoria e anagogia.**

**Ocorre simples alegoria quando por um fato visível se significa um outro fato visível.**

**Ocorre anagogia, isto é, um conduzir para o alto, quando por um fato visível se declara um fato invisível.**

**Para maior clareza, colocamos um exemplo destes três modos de entendimento. (Neste exemplo que será dado a seguir, Hugo se utiliza de uma outra nomenclatura que é também a mais comum em seus escritos: além do sentido literal ou histórico ele menciona o sentido alegórico sem, porém, subdividi-lo, e ao**

**sentido alegórico acrescenta o sentido moral, também denominado por ele de sentido tropológico ou tropologia).**

**Diz a Sagrada Escritura que havia um homem na terra de Hus, chamado Jó, que sendo muito rico caiu em uma tão grande miséria que sentando-se junto a um monturo ou coletor de estrume raspava com uma telha as chagas de seu corpo (3).**

**O sentido histórico é evidente; passemos, portanto, ao alegórico. Na alegoria consideramos que as coisas significadas pelas palavras significam por sua vez outras coisas, e um fato significa outro fato. Jó, efetivamente, traduzido significa sofredor; significa, portanto, o Cristo, que antes estava junto às riquezas da glória do Pai sendo co-igual a Ele e condescendeu-se de nossa miséria sentando-se humilhado no monturo deste mundo, compartilhando conosco, fora o pecado, todos os nossos defeitos.**

**O sentido moral é aquilo que por meio deste fato deve-se fazer, isto é, aquilo que este fato significa ser digno de ser feito. Jó pode significar qualquer alma justa ou penitente, que compõe em sua memória um monturo de todos os pecados que fez e não vez ou outra, mas perseverantemente, sentando-se e meditando sobre o mesmo, não cessa de chorar (4).**



### ***3. Nem tudo o que se encontra nas Sagradas Escrituras é passível de tríplice interpretação histórica, alegórica e moral.***

Não é tudo o que se encontra nas Sagradas Escrituras que pode ser interpretado segundo estes três modos, como se cada uma de suas passagens tivesse que conter simultaneamente uma história, uma alegoria e uma tropologia. Há muitos lugares em que estes três sentidos podem ser convenientemente assinalados, mas é bastante difícil ou mesmo impossível observá-los em todo lugar. Na cítara, assim como em outros instrumentos musicais, não são todas as partes que quando percutidas ressoam música, mas apenas as cordas; as demais partes do corpo da cítara são feitas para conectar e tensionar aquelas que modularão a suavidade da melodia. Ocorre o mesmo com as Sagradas Escrituras; nela há coisas que somente podem ser entendidas espiritualmente; há outras que estão a serviço da formação dos costumes; algumas foram escritas segundo o simples sentido da história; há, finalmente, algumas outras que podem ser convenientemente comentadas segundo a história, a alegoria e a tropologia (5).



#### **4. Necessidade da interpretação literal ou histórica.**

O sentido alegórico e moral, a inteligência mística, somente pode ser apreendido a partir daquilo que o sentido literal propõe em primeiro lugar. Causa-nos, portanto, não pouca admiração e perplexidade como possa haver algumas pessoas que se gabam de serem doutos na alegoria ignorando, entretanto, a primeira significação da letra. Nós, dizem eles, ensinamos as Escrituras, não, porém, a letra; não cuidamos da letra, porque nos ocupamos apenas da alegoria.

Mas, pergunto, como é possível ensinar a Escritura, se não se lê a letra? De fato, se tirarmos a letra, o que será da Escritura?

Dizem eles que a letra significa uma coisa segundo a história, e outra segundo a alegoria. A palavra leão, por exemplo, segundo o sentido literal significa o animal, mas segundo o sentido alegórico significa o Cristo, porque o leão dorme de olhos abertos.

Esta afirmação, porém, tal como está apresentada, não pode ser sustentada. Deve-se mudar a frase proposta, ou modificar a causa apontada. De fato, não é a palavra leão que dorme de olhos abertos, mas o animal que a palavra significa. Entenda-se que quando se diz que o leão significa o Cristo, não é o nome do animal que significa o Cristo, mas o próprio animal. É o animal que dorme de olhos abertos que, segundo uma determinada semelhança, representa o Cristo, porque nos dias em que estava sepultado, enquanto sua humanidade dormia o sono da morte, o Cristo mantinha os olhos abertos por causa da sua divindade que velava. Não se pode pretender, portanto, ter compreendido as Sagradas Escrituras se se ignorar o sentido literal. Ignorar a letra é ignorar aquilo que a letra significa; ora, a coisa que a letra significa é, por sua vez, um sinal de algo que deverá ser entendido espiritualmente. Como, porém, este entendimento espiritual poderá ser apreendido pelos que lêem, se o seu sinal não lhes tiver sido significado?

Aquele, portanto, que busca o entendimento das Sagradas Escrituras deve em primeiro lugar aplicar-se à compreensão daquelas coisas que as palavras sagradas propõem de modo



**imediatamente; só depois que as tiver bem conhecido é que deve passar às demais significações, meditando e reunindo, através das semelhanças, aquilo que diz respeito à edificação da fé e à formação dos bons costumes. Deve-se, pois, compreender primeiro o que a letra significa para depois vir a se entender aquilo que é significado pela coisa significada pela letra.**

**Quisemos advertir bem o leitor a este respeito para que não aconteça que venha a desprezar os primeiros rudimentos deste ensinamento. Não pense que deva ser desprezado o conhecimento daquilo que as Sagradas Escrituras nos propõem através da primeira significação da letra, porque são estas coisas que o Espírito Santo mostra aos sentidos carnis a nós, que não podemos apreender as coisas invisíveis senão através das visíveis, como simulacros de entendimentos mais elevados, levantando nossa alma à compreensão do que é espiritual através destas semelhanças que nos são propostas.**

**Se, como alguns dizem, fosse possível passar da letra diretamente àquilo que deve ser entendido espiritualmente, em vão teriam sido interpostas nas Sagradas Escrituras as figuras e as semelhanças das coisas pelas quais a alma é ensinada acerca do que pertence ao espírito. Não se deve, portanto, na palavra de Deus desprezar a humildade, porque é pela humildade que somos iluminados para a divindade. Este sentido exterior da palavra de Deus pode parecer lodo para ser talvez pisado pelos pés, mas é este lodo que nossos pés pisam que foi usado pelo Cristo ao curar o cego de nascença para iluminar-lhe a vista (Jo. 9).**

**Leiamos, pois, as Sagradas Escrituras, e aprendamos diligentemente em primeiro lugar aquilo que ela narra materialmente. Se imprimirmos cuidadosamente em nossa alma a forma destas coisas segundo a seqüência da narrativa, depois, através da meditação, colheremos como de um favo a doçura da inteligência espiritual (6).**



## **5. Frutos que se devem esperar da leitura das Sagradas Escrituras.**

**Todos os que se aproximam da divina lição devem conhecer primeiramente quais sejam os seus frutos. Nada, de fato, deve ser buscado sem motivo; nem mesmo é possível desejar aquilo que não promete algum tipo de utilidade.**

**Ora, o fruto da divina lição é duplo, pois ela ensina a ciência e ornamenta a alma de virtudes.**

**A ciência diz respeito principalmente ao sentido literal e alegórico; já a instrução dos costumes diz respeito mais ao sentido tropológico. Tudo o que diz a Sagrada Escritura está ordenado a estes fins (7).**

**Por isto aqueles que se dedicam ao estudo das Sagradas Escrituras não devem desprezar aquilo que é significado pelas coisas manifestadas pelo sentido literal. Os filósofos, em seus escritos, somente conhecem a significação das palavras, mas nas sagradas páginas muito mais excelente é a significação das coisas significadas pelas palavras do que a própria significação das palavras. A significação das palavras foi instituída pelos usos dos homens, enquanto que a significação das coisas foi instituída pela própria natureza. As primeiras são vozes humanas, as segundas são vozes de Deus falando aos homens. A significação das palavras depende do arbítrio dos homens, mas a significação das coisas depende apenas da natureza, e da obra do Criador que deseja significar certas coisas através de outras. Ademais, o número de significados das coisas é muito maior do que o número de significados das palavras: poucas palavras significam mais do que duas ou três coisas, enquanto que as coisas podem ter significados tão variados quantas forem as propriedades visíveis ou invisíveis que tiverem em comum com as demais coisas (8).**

## **6. Referências.**

- (1) Hugo S. Vitor: Praenotatiunculae de Scripturis et Scriptoribus Sacris, C. 1; PL 175, 9-11.**
- (2) Ibidem, C. 2; PL 175, 11.**
- (3) É o tema dos primeiros capítulos do livro de Jó.**
- (4) Ibidem, C. 3; PL 175, 11-12. (5) Ibidem, C. 4; PL 175, 12-13. (6) Ibidem, C. 5; PL 175, 13-15. (7) Ibidem, C. 13; PL 175, 20. (8) Ibidem, C. 14; PL 175, 20-21.**



**Hugo de São Vitor**

**O ESTUDO DAS  
SAGRADAS ESCRITURAS**

**Texto compilado com  
excertos da obra**

**"Eruditionis Didascalicae libri Septem  
sive Didascalicon"**

**- PL 175, 739-838 -**

**1. Introdução.**

Os dois principais meios pelos quais se alcança a ciência são o estudo e a meditação. Entre ambos o estudo ocupa, no aprendizado, uma posição de anterioridade em relação à meditação. Será, portanto, do estudo que iremos tratar em seguida, explicando quais são os seus preceitos, e interessando- nos mais particularmente pelo estudo das Sagradas Escrituras.

Três são os preceitos mais necessários para o estudo. Primeiro, é preciso saber o que se deve estudar. Segundo, em que ordem estudar, isto é, o que estudar primeiro e o que estudar depois. Terceiro, é preciso saber como estudar. Nossa intenção será tratar de cada um destes três preceitos, cuidando de modo especial de suas aplicações ao estudo das Sagradas Escrituras.

Deste modo, em primeiro lugar determinaremos quais são os livros que merecem o nome de Sagradas Escrituras; em seguida, consideraremos o número e a ordem dos livros sagrados. Trataremos também de algumas propriedades das Sagradas Escrituras que devem ser bem conhecidas pelos que se propõem a estudá-las. Feito isto, ensinaremos como devem ser estudadas as Sagradas Escrituras por aqueles que nela buscam tanto a correção dos seus costumes como uma forma

**de vida. Em último lugar, dirigiremos nosso discurso àqueles que estudam as Escrituras por amor da ciência .**





## **2. Quais são as Sagradas Escrituras.**

**Não são todos os escritos que tratam de Deus ou dos bens invisíveis que devem ser chamados de sagrados, e nem tampouco apenas estes. Entre os livros dos pagãos encontram-se muitas obras que tratam da eternidade de Deus, da imortalidade das almas, dos prêmios e dos castigos eternos merecidos pela virtude e pela maldade, tudo isto demonstrado por meio de argumentação bastante provável, sem que, no entanto, ninguém julgue por isto que sejam obras dignas de receberem o nome de sagradas.**

**Por outro lado, percorrendo a série dos livros do Antigo e do Novo Testamento, observaremos que tratam-se de escritos que se ocupam quase que inteiramente de coisas que pertencem à vida presente, raramente discorrendo abertamente sobre a doçura dos bens eternos e a felicidade da vida celeste. Não obstante, são estes escritos que a fé católica costuma chamar de sagrados.**

**Os escritos dos filósofos brilham externamente pelo esplendor de suas palavras, mas quando nos estendem uma aparência de verdade, mesclam-na com o erro, no que podem ser comparados a uma parede de barro caiada de branco. Tal como a parede caiada, escondem sob uma camada de cal o barro do erro (nota 1). Os discursos sagrados, ao contrário, podem ser com muita propriedade comparados aos favos de mel, pois parecem áridos na simplicidade da linguagem, mas internamente são repletos de doçura. São, ademais, chamados de sagrados porque estão tão distantes da contaminação do erro que nada de contrário à verdade pode ser encontrado neles.**

**Notas.**

**Nota 1: o período mais importante da história da filosofia grega, a época que se inicia com Tales de Mileto e se encerra com Aristóteles, vai aproximadamente do ano 600 AC até o ano 350 AC.**

**Diversamente da doutrina judaico cristã, a filosofia grega não é uma Revelação, mas um esforço de muitas gerações de sábios que buscaram se aproximar da verdade através do cultivo das virtudes, do estudo e da contemplação, inicialmente da natureza, posteriormente aperfeiçoada pelo desenvolvimento da Metafísica. Como sub produto deste esforço surgiram muitas obras escritas que se aprimoravam à medida em que as várias**

**gerações de filósofos iam se sucedendo. Devido a este caráter gradual dos escritos dos filósofos gregos, em suas primeiras obras encontram-se, entre as verdades mais sublimes, também muitos ensinamentos contrários à fé cristã. Cumpre observar, no entanto, que em Aristóteles, não por acaso o último desta sequência de sábios e o possuidor, entre os mesmos, da obra escrita mais extensa, já não se encontra praticamente nada, ou possivelmente mesmo nada, que divirja da doutrina cristã. Na tempo de Hugo de S. Vitor, porém, o ocidente cristão ainda não dispunha do acesso a toda a obra de**



**Aristóteles, com  
exceção dos  
seus tratados de  
Lógica,  
disponíveis em  
uma tradução  
latina legada por  
Boécio. Somente  
quase dois  
séculos mais  
tarde, na época  
de Santo Tomás  
de Aquino, é que  
foi possível à  
civilização  
ocidental  
conhecer  
inteiramente, não  
sem grande  
assombro, toda a  
obra do filósofo.**



### **3. *Definem-se as Sagradas Escrituras.***

**São sagradas aquelas Escrituras que vieram a lume por meio de homens que cultivaram a fé católica, tendo sido recebidos e conservados pela autoridade da Igreja universal para serem incluídas no número dos escritos sacros para o fortalecimento desta mesma fé. Além destas há ainda outras numerosíssimas obras escritas por homens sábios e religiosos, nas mais diversas épocas, as quais, ainda que não tenham sido aprovadas pela autoridade da Igreja universal, sendo conformes à fé e ensinando muitas coisas úteis, são consideradas como estando incluídas entre os discursos sagrados. Tudo isto, porém, pode ser melhor entendido exemplificando do que definindo .**

#### ***4. Divisão das Sagradas Escrituras em dois Testamentos, cada um dividido em três ordens.***

**Toda a Sagrada Escritura está contida em dois Testamentos, o Antigo e o Novo Testamento. Em cada testamento podem ser distinguidas três ordens. O Antigo Testamento contém a Lei, os Profetas e os Agiógrafos. O Novo Testamento contém o Evangelho, os Apóstolos e os Padres .**



## **5. Elenco dos Livros das três ordens do Velho Testamento.**

**A primeira ordem do Velho Testamento é a Lei, que os judeus chamam de Torá. A Lei é formada pelos cinco livros de Moisés, chamados, em seu conjunto, de Pentatêuco. O primeiro destes livros é o Gênesis, o segundo o Êxodo, o terceiro o Levítico, o quarto o Livro dos Números, o quinto o Deuteronômio.**

**A segunda ordem do Velho Testamento é a dos profetas, que contém oito volumes. O primeiro volume é o livro de Josué; o segundo, o livro de Juízes; o terceiro o Livro de Samuel, também chamado de Primeiro e Segundo Livro dos Reis; o quinto é o livro de Isaías; o sexto, o livro de Jeremias; o sétimo, o livro de Ezequiel; e o oitavo é o livro que contém as profecias dos doze profetas (menores).**

**Finalmente, a terceira ordem do Velho Testamento possui nove livros. O primeiro é o livro de Jó; o segundo é o livro de Davi (nota 2); o terceiro é o livro dos Provérbios de Salomão; o quarto é o Eclesiastes; o quinto é o Cântico dos Cânticos; o sexto é o livro de Daniel; o sétimo é o livro dos Paralipômenos; o oitavo é o livro de Esdras; o nono é o livro de Ester. Todos estes livros são em número de vinte e dois.**

**Há, ademais, outros livros, como o livro da Sabedoria de Salomão, o livro de Jesus filho de Sirac, o livro de Judite, o livro de Tobias e os livros dos Macabeus que são lidos mas não se incluem no Cânon (nota 3) .**

**Notas.**

**Nota 2:**  
**Hugo de S.**  
**Vitor chama**  
**de livro de**  
**Davi ao livro**  
**dos Salmos**  
**por terem**  
**sido**  
**compostos,**  
**em sua**  
**maioria,**  
**pelo Rei**  
**Davi.**

**Nota 3:**  
**Hugo de S.**  
**Vitor,**  
**seguindo**  
**neste ponto**  
**o parecer de**  
**S. Jerônimo,**  
**não**  
**considera**  
**estes livros**  
**como**  
**canônicos.**  
**Em sua**  
**época, o**  
**assunto era**  
**ainda uma**  
**questão**  
**aberta; o**  
**Magistério**  
**da Igreja só**  
**tomou uma**  
**posição final**  
**a este**  
**respeito**  
**quatro**  
**séculos**  
**mais tarde,**  
**incluindo os**  
**livros aqui**

**mencionados  
no Cânon  
das  
Sagradas  
Escrituras.**



## **6. Elenco dos livros das três ordens do Novo Testamento.**

**A primeira ordem do Novo Testamento contém os livros dos quatro Evangelhos, aqueles escritos segundo Mateus, Marcos, Lucas e João.**

**A segunda ordem, semelhantemente, contém também quatro livros: as Epístolas de São Paulo, em número de quatorze, reunidas em um só livro, as demais Epístolas Canônicas reunidas em outro livro, o Apocalipse e os Atos dos Apóstolos.**

**Quanto à terceira ordem, o primeiro lugar corresponde aos Decretais da Igreja, aos quais também chamamos de cânones ou regras; depois deles vêm os escritos dos santos padres e dos doutores da Igreja, como os de S. Jerônimo, S. Agostinho, S. Gregório, S. Ambrósio, S. Isidoro, Orígenes, S. Beda e muitos outros escritores ortodoxos, os quais são tão infinitos que não podem sequer ser contados. Seu tão grande número mostra o fervor destes homens na fé, por causa da qual deixaram aos seus pósteros tantas e tão memoráveis obras. Diante deles nossa preguiça se torna evidente, pois sequer conseguimos ler aquilo que eles puderam escrever.**

## **7. Conveniência entre as ordens do Velho e do Novo Testamento.**

**A conveniência entre as diversas ordens do Velho e do Novo Testamento fica manifesta se considerarmos que, assim como a Lei é seguida pelos Profetas e os Profetas são seguidos pelos Agiógrafos, assim também depois do Evangelho vêm os Apóstolos e depois dos Apóstolos vêm os Doutores. E. embora em cada uma destas ordens esteja contida toda a verdade, plena e perfeita, é para nós causa de admiração verificar como as razões da dispensação divina fizeram com que nenhuma delas seja supérflua .**





## **8. O tríplice entendimento das Sagradas Escrituras.**

**Expusemos, assim, brevemente, a ordem e o número dos livros sagrados, para que o estudante conheça a matéria que lhe é oferecida. Passemos agora ao restante do que nos interessa para a intenção da presente obra.**

**Antes de tudo o mais, deve-se saber que a Sagrada Escritura pode ser entendida de três maneiras, isto é, segundo a história, segundo a alegoria e segundo a tropologia ou, de acordo com outro modo de dizer, segundo o sentido literal, o sentido alegórico e o sentido moral.**

**É certo que nem tudo o que se encontra no discurso sagrado pode ser vertido nesta tríplice interpretação, como se cada lugar sempre contivesse simultaneamente uma história, uma alegoria e uma tropologia. Em muitos lugares da Escritura estas três coisas podem, de fato, ser encontradas, mas encontrá-las em todas é muito difícil ou mesmo impossível.**

**Ocorre no discurso sagrado o mesmo que se observa nos instrumentos musicais, nos quais somente as cordas produzem melodia, e não tudo o que puder ser percutido, embora as demais partes sejam incorporadas ao corpo do instrumento para interligarem as cordas entre si e para que, tensionando estas cordas, possam modulá-las a fim de produzir a suavidade da melodia. É deste mesmo modo que no discurso sagrado foram postas certas coisas que somente podem ser entendidas espiritualmente; outras, que estão a serviço do importante trabalho da formação das virtudes; outras ainda, que foram escritas para serem entendidas segundo o simples sentido histórico; há, finalmente, também os lugares que podem ser explicados convenientemente tanto segundo a história, como também segundo a alegoria e segundo a tropologia.**

**Vemos, assim, que Deus de modo admirável dispôs e interligou toda a Sagrada Escritura em suas partes para que tudo o que nela estivesse contido soasse com a suavidade da inteligência das cordas espirituais ou então, contendo seus mistérios esparsos na seqüência histórica e na dureza das letras, interligasse e se unisse à melodia do espírito como a**

**concauidade da madeira do instrumento interliga em um só todo todas as cordas estendidas e recebe em si o som das cordas tornando-o mais doce aos ouvidos. Este som, de fato, é mais doce porque não foi formado apenas pelas cordas, mas também pelo corpo do instrumento. É assim que também o mel é mais agradável quando está no favo.**

**É necessário, portanto, ler a Sagrada Escritura sem que se queira buscar em toda a parte uma história, uma alegoria e uma tropologia. Cada uma destas coisas deve ser assinalada em seus devidos lugares segundo o que a razão o exija convenientemente. Será freqüente, todavia, que em uma só e mesma letra possamos encontrar a todas, na medida em que a verdade da história insinua através da alegoria um mistério espiritual e demonstra, através da tropologia, como se deve agir .**



## **9. Nas Sagradas Escrituras também as coisas significam.**

No discurso sagrado não apenas as palavras, mas também as coisas significadas pelas palavras têm por sua vez outras significações. Trata-se de algo que só muito raramente se observa em outros escritos. Os filósofos apenas conheceram as significações das palavras, embora as significações das coisas sejam mais excelentes do que as das palavras. Estas foram instituídas pelo uso, enquanto que aquelas foram impostas pela natureza.

As palavras são a voz dos homens, as coisas são a voz de Deus dirigida aos homens. Aquelas, quando pronunciadas, já perecem; estas, quando criadas, subsistem. A tênue voz é sinal dos sentidos; as coisas são simulacros da razão divina. O som produzido pela boca, mal principia a sua subsistência, já se desvanece. Por isso, assim como este som está para a razão da mente, assim também está qualquer espaço de tempo no qual as coisas subsistem para a eternidade. A razão da mente é uma palavra interior manifestada por uma palavra exterior que é o som da voz; assim também a divina sabedoria que o Pai exalou do seu coração, invisível em si mesma, pode ser conhecida pelas criaturas e nas criaturas.

Pode-se, deste modo, depreender quão profundo é o entendimento que deve ser buscado nas Sagradas Letras onde pela voz se chega ao intelecto, pelo intelecto à coisa, pela coisa à razão, pela razão se chega à verdade. Os menos instruídos, não considerando isto, julgam não haver nas Escrituras nada mais sutil em que possam exercer sua inteligência; por este motivo, apenas se ocupam com os escritos dos Apóstolos, já que nada mais conseguem apreender ali senão a superfície da letra, ignorando a força da verdade .



## **10. Frutos do Estudo das Sagradas Escrituras.**

**Aquele que se aproxima da Sagrada Escritura para aprender deve saber primeiro qual é o fruto que pode esperar dela. Nada, de fato, pode ser buscado sem causa, e aquilo que não promete alguma utilidade não é também capaz de atrair o desejo.**

**Dois são os frutos das sagradas lições. Elas nos ensinam a ciência e nos ornamentam com as virtudes. A ciência se relaciona mais com a história e a alegoria, enquanto que as virtudes com a tropologia. Todas as Sagradas Escrituras existem para este fim.**

**Embora seja mais importante ser justo do que ser sábio, sei todavia que muitos buscam no estudo do sagrado discurso mais a ciência do que a virtude. Não considero reprovável, porém, a busca de nenhuma destas duas coisas; ao contrário, tenho como certo que ambas são necessárias e louváveis, pelo que passarei a tratar brevemente de cada uma delas.**





## **11. As Sagradas Escrituras e a formação das virtudes.**

**Consideremos primeiramente o que se deve abraçar nas Escrituras para a formação das virtudes.**

**Quem no discurso sagrado busca a notícia das virtudes e uma forma de vida deve dedicar-se mais aos livros que aconselham o desprezo do mundo, que acendem a alma ao amor do Criador, que ensinam o caminho do reto viver e mostram como as virtudes podem ser adquiridas e os vícios abandonados.**

**É a própria Escritura que diz:**

***"Buscai  
em  
primeiro  
lugar  
o Reino  
de  
Deus e  
a sua  
justiça",***

**Mt .  
6 ,  
33**

**como se dissesse abertamente:**

***"Desejai as  
alegrias da  
pátria celeste  
e buscai  
cuidadosamente  
tudo aquilo  
por cujos  
méritos de  
justiça se  
chega a ela".***

**Ambos são bens e ambos são necessários: amai-os e buscai-os. Quando o amor existe, não pode ficar ocioso. Quando se deseja ardentemente chegar, aprende-se como se alcança aquilo ao qual se anela.**

**Esta ciência se adquire por dois modos: pelo exemplo e pela doutrina. Adquire-se pelo exemplo quando lemos os feitos dos santos; adquire-se pela doutrina quando estudamos os seus ensinamentos no que diz respeito à nossa disciplina, entre os quais se destacam os escritos do muito bem aventurado S. Gregório Magno, que resplandecem entre todos os escritos dos santos padres pela doçura de sua doutrina e pela plenitude de amor pela vida eterna de que estão repletos.**

**Aquele que tiver iniciado este caminho deve procurar aprender nestes livros não apenas pela beleza do fraseado, mas também pelo estímulo que eles oferecem à prática das virtudes. Procure neles não tanto a pomposidade ou a arte das palavras, mas a beleza da verdade.**



## **12. Que o estudo não seja uma aflição.**

**Saiba também que não chegará ao seu propósito se, movido por um vão desejo da ciência, dedicar-se às Escrituras obscuras e de profunda inteligência, nas quais a alma mais se preocupa do que se edifica; e nem também se se dedicar de tal maneira apenas ao estudo que se veja obrigado a abandonar as boas obras. Para o filósofo cristão o estudo deve ser uma exortação, e não uma preocupação; deve alimentar os bons desejos, e não secá- los.**

### **13. Como o estudo pode tornar-se uma aflição.**

Deve-se considerar também que o estudo costuma afligir o espírito de duas maneiras, a saber, pela sua qualidade, se se tratar de um material muito obscuro, e pela sua quantidade, se houver demais para se estudar. Em ambas estas coisas deve-se utilizar de grande moderação, para que não aconteça que aquilo que é buscado como uma refeição venha a ser utilizado para sufocar-nos.

Há aqueles que tudo querem estudar. Tu não contendas com eles, seja-te suficiente a ti mesmo. Que nada te importe se não tiveres lido todos os livros. O número de livros é infinito, não queiras seguir o infinito. Onde não existe o fim, não pode haver repouso; onde não há repouso, não há paz; e onde não há paz, Deus não pode habitar:

**"Na  
paz",**

diz o profeta,

**"fêz o  
seu  
lugar,  
e em  
Sião a  
sua  
morada".**

**Salmo  
75,  
3**

**Em Sião, mas na paz; é importante ser Sião, mas não perder a paz.**



**Ouve a Salomão, ouve ao sábio, e aprende a prudência:**

***"Meu  
filho",***

**diz ele,**

***"mais do  
que isto  
não  
busques;  
não há  
fim para  
se fazer  
livros,  
e a  
meditação  
frequente  
é aflição  
da  
carne".***

**Ec1 .  
12 ,  
12**

**Onde, pois, está o fim?**

***"Ouçamos,  
pois, todos,  
o fim deste  
discurso:  
teme a Deus  
e observa os  
seus  
mandamentos,  
este é todo o  
homem".***

**Ecl .  
12 ,  
13**



## **14. Três gêneros de estudantes das Sagradas Escrituras.**

Há um primeiro gênero de homens que desejam a ciência das Sagradas Escrituras para obter honra ou fama. Esta intenção é tão perversa quanto deplorável.

Há outros a quem agrada ouvir as palavras de Deus e aprender sobre as suas obras, não porque isto possa conduzi-los à salvação, mas por serem coisas admiráveis. São pessoas que desejam investigar segredos e conhecer novidades, saber muito e não fazer nada, incapazes de se darem conta que nas coisas divinas é em vão que se admira a onipotência se não se ama a misericórdia. Elas fazem com as Escrituras o mesmo que os que freqüentam os espetáculos dos teatros e as apresentações dos músicos e dos poetas. Não se deve, porém, censurá-los; ao contrário dos anteriores, a vontade destes homens não é má, e sim imprudente. Mais do que nossa repreensão, eles necessitam de nosso auxílio.

Há, finalmente, um terceiro gênero de homens que estudam as Sagradas Escrituras para, seguindo o preceito do Apóstolo, estarem preparados para responder a todos aqueles que lhe pedirem a razão da fé que há neles (1 Pe 3,15), para destruírem com firmeza aquilo que vai contra a verdade, para ensinarem os que sabem menos, para que eles próprios conheçam mais perfeitamente o caminho da verdade, e compreendendo de modo mais elevado os segredos de Deus, possam amá-Lo mais entranhadamente. Estes são dignos de louvor e de imitação.



## **15. O estudo alegórico das Escrituras.**

**Considera o exemplo da construção de um edifício. Primeiro se assentam os alicerces e depois, por cima deles, levanta-se o prédio. Finalmente, consumada a obra, a casa é revestida com as suas cores.**

**Assim também no estudo das Sagradas Escrituras importa que primeiro se aprenda a história, repetindo do princípio ao fim a verdade das coisas acontecidas, confiando diligentemente à memória o que foi feito, por quem foi feito e onde foi feito. Somente será possível investigar perfeitamente as sutilezas da alegoria quem primeiro está bem fundamentado na história.**

**Depois da lição da história resta investigar os mistérios das alegorias, para o que deve-se saber que esta não é matéria apropriada para espíritos tardos e obtusos. Trata-se de uma investigação que exige inteligências já maduras, possuidoras de uma sutileza incapaz de perder a prudência no discernimento. É um alimento sólido, que não pode ser engolido se não for bem mastigado. Neste estudo é necessário fazer uso de tal moderação que, à medida em que se busca a sutileza das Escrituras, a presunção não nos torne temerários, recordando-nos do que diz o Salmista:**

***"Retesará  
o seu  
arco e o  
apontará,  
e  
preparará  
para eles  
dardos  
de  
morte".***

Salmo

7,

13-

14

**Observa a obra do pedreiro com um pouco mais de diligência. Assentados os alicerces, ele estende uma linha na horizontal e levanta outra na vertical. Põe então em sua devida ordem as pedras previamente polidas com esmero. Depois, busca outras e mais pedras, e se encontrar algumas que não se encaixem na primeira disposição, toma de sua lima, apara as saliências, aplaina as superfícies ásperas e reduz à forma o que antes era informe. Finalmente, acrescenta a pedra assim trabalhada à ordem em que havia disposto as anteriores.**

**É um exemplo digno de imitação. Os alicerces se encontram dentro da terra, e nem sempre têm suas pedras devidamente trabalhadas e lapidadas. Já o edifício está acima da terra, e exige uma estrutura mais trabalhada, com pedras perfeitamente ajustáveis entre si.**

**Assim também a sagrada página contém muitas coisas que segundo o seu sentido natural parecem contradizer-se entre si, e algumas que até mesmo parecem absurdas ou verdadeiras impossibilidades. O entendimento espiritual, entretanto, não admite nenhuma repugnância; ainda que haja nele muita diversidade, não pode haver, porém, nenhuma contrariedade.**

**Não carece também de significado a primeira série de pedras assentada sobre os alicerces, dispostas segundo uma linha previamente estendida e sobre a qual se ergue e se encaixa todo o restante do edifício. Esta primeira série de pedras é como que outro alicerce, e a base de todo o edifício. Este alicerce sustenta o que lhe é superposto e é sustentado, por sua vez, pelo alicerce anterior. Sobre o primeiro alicerce repousa toda a construção; nem tudo, porém, se lhe ajusta perfeitamente; sustenta o edifício, mas está abaixo do edifício. O segundo alicerce também sustenta o edifício, porém não está apenas debaixo do edifício, mas também no edifício.**

**Dizemos que o alicerce que está debaixo da terra representa a**

história, e que o edifício que sobre ele se levanta representa a alegoria. A base deste edifício, portanto, base que lhe serve como de um segundo alicerce, deverá também pertencer à alegoria.

A construção é composta de muitas ordens de pedras, cada ordem possuindo o seu alicerce; assim também a divina página contém muitos mistérios, cada um possuindo os seus princípios.

A primeira ordem é o mistério da Trindade, pois a Escritura ensina que antes que existisse qualquer criatura Deus era trino e uno.

Já existindo trino e uno, Deus criou toda a criatura do nada, tanto as visíveis como as invisíveis; esta é a segunda ordem.

Deu livre arbítrio à criatura racional e preparou-lhe a graça, para que pudesse merecer a eterna bem aventurança. Puniu-as por terem caído por sua livre vontade; persistindo em sua queda, confirmou-as para que não pudessem cair mais ainda. A origem do pecado, o que ele é e qual a sua pena, eis a terceira ordem.

Os mistérios que Deus instituiu sob a lei natural para a restauração do gênero humano, eis a quarta ordem.

As Escrituras que Ele instituiu sob a Lei, eis a quinta ordem.

O mistério da Encarnação do Verbo, eis a sexta ordem.

Os mistérios do Novo Testamento, eis a sétima ordem.

Sua própria ressurreição, eis finalmente a oitava ordem.

Esta é toda a divindade, este é aquele edifício espiritual construído e erguido para o alto com tantas ordens quantos mistérios nele se contém. Os alicerces de cada ordem são os princípios destes mistérios. Se os alicerces da história já foram assentados, resta agora assentar os alicerces do próprio edifício. A linha que deve ser estendida antes de alicerçar as primeiras pedras é o caminho da verdadeira fé; as primeiras pedras que alicerçam a obra espiritual são os mistérios da fé

pelos quais esta obra se inicia. Antes, pois, de abordar o estudo da alegoria, o estudante deve procurar instruir-se de quanto diz respeito à profissão da verdadeira fé para que tudo o que vier a encontrar depois possa ser edificado com segurança. Muitos que estudam as Escrituras, por não possuírem os alicerces da verdade, caem em erros diversos, e tantas vezes mudam suas sentenças quantas vezes se aproximam da leitura das Escrituras.

No livro de Ezequiel lemos que eram as rodas que seguiam os animais, e não os animais que seguiam as rodas:

*"E quando  
os animais  
andavam,  
andavam  
também as  
rodas junto  
deles;  
e quando  
ao animais  
se  
elevavam  
da terra,  
também as  
rodas se  
elevavam  
juntamente".*

Ez .  
1 ,  
19

Assim ocorre com a mente dos homens santos, que quanto mais progredem nas virtudes ou na ciência, tanto mais profundos vêm ser os arcanos das Sagradas Escrituras, e aquilo que para os homens simples e ainda presos às coisas da terra parecem coisas desprezíveis, para os espíritos mais elevados parecem sublimes.

## **Continua Ezequiel:**

***"Para  
onde o  
espírito  
ia, e para  
onde o  
espírito  
se  
elevava,  
as rodas,  
seguindo-  
o, também  
igualmente  
se  
elevavam.  
Porque o  
espírito  
da vida  
estava  
nas  
rodas".***

**Ez .  
1 , 20**

**Lemos, assim, que as rodas seguiam estes animais, e seguiam o espírito. Ainda em outro lugar está escrito:**

***"A letra  
mata,  
o  
espírito,  
porém,  
vivifica",***



2  
Cor .  
3 ,  
6

**porque, a saber, importa que o estudante das Escrituras esteja tão consolidado no entendimento espiritual que os pontos mais importantes da letras, que algumas vezes podem ser entendidos pervertidamente, não o inclinem a desviar-se.**

**Por que aquele povo tão antigo, que havia recebido a Lei da Vida, foi reprovado, senão porque seguiu de tal maneira a letra que mata que não possuiu o espírito que vivifica? Não digo estas coisas para dar a qualquer um a ocasião de interpretar as Escrituras à sua vontade, mas para mostrar que aquele que segue apenas a letra não pode permanecer muito tempo sem cair no erro. É necessário, pois, seguir a letra de tal maneira que não se dê preferência ao nosso julgamento diante daquele dos autores sagrados; e não seguir a letra de tal maneira que se julgue depender dela todo o julgamento da verdade. Não é o letrado, mas o espiritual que tudo julga (1 Cor 2,15). Não é possível, porém, julgar a letra com segurança se se presumir do próprio julgamento, mas é preciso primeiro aprender, e informar-se, e assentar o alicerce da inabalável verdade.**



## **16. Conclusão.**

**Explicamos o que pertence ao estudo das Sagradas Escrituras o mais lúcida e compendiosamente que nos foi possível. Quanto à segunda parte do aprendizado, isto é, a meditação, dela não diremos nada no momento, por ser coisa tão importante que necessita de um tratado especial, e é mais digno silenciar inteiramente neste assunto do que dizer algo imperfeitamente.**

**Roguemos, pois, agora, à Sabedoria, para que se digne resplandecer em nossos corações e iluminar-nos em seus caminhos, para introduzir-nos naquele banquete puro e sem animalidade.**

**Hugo de São Vitor  
(1096-1141)**



## **17. Referências.**

- (1) Hugo S. Vitor: Didascalicon, L. I, C. 1; PL 175, 741.**
- (2) Ibidem, L. IV, C. 1; PL 175, 777-8.**
- (3) Ibidem, L. IV, C. 1; PL 175, 778. (4) Ibidem, L. IV, C. 2; PL 175, 778. (5) Ibidem, L. IV, C. 2; PL 175, 778-9. (6) Ibidem, L. IV, C. 2; PL 175, 779. (7) Ibidem, loc. cit.. (8) Ibidem, loc. cit.. (9) Ibidem, L. V, C. 2; PL 175, 789-790. (10) Ibidem, L. V, C. 3; PL 175, 790-1. (11) Ibidem, L. V, C. 6; PL 175, 794. (12) Ibidem, loc. cit.. (13) Ibidem, L. V, C. 7; PL 175, 794-5. (14) Ibidem, L. V,**

**C. 7; PL 175,  
795. (15)**

**Ibidem, L. V,  
C. 7; PL 175,  
796. (16)**

**Ibidem, L. V,  
C. 10; PL  
175, 798.**

**(17) Ibidem,  
L. VI, C. 2;  
PL 175, 799.**

**(18) Ibidem,  
L. VI, C. 3;  
PL 175, 799.**

**(19) Ibidem,  
L. VI, C. 4;  
PL 175, 802-  
5. (20)**

**Ibidem, L. VI,  
C. 13; PL  
175, 809.**

